

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

NAYARA LIMA NEVES

SONS DE MACABÉA:
POSSÍVEIS NOTAS DE DESEJO ENTRE A PSICANÁLISE E A HORA DA
ESTRELA

VITÓRIA
2017

NAYARA LIMA NEVES

SONS DE MACABÉA:
POSSÍVEIS NOTAS DE DESEJO ENTRE A PSICANÁLISE E A HORA DA
ESTRELA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Augusta Wanderley Rodrigues de Miranda

VITÓRIA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais,
da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N518s Neves, Nayara Lima, 1988-
 Sons de Macabéia : possíveis notas de desejo entre a psicanálise e A
 hora da estrela / Nayara Lima Neves. – 2017.
 79 f. : il.

Orientadora: Ana Augusta Wanderley Rodrigues de Miranda.

Dissertação (mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Lispector, Clarice, 1920-1977. A hora da estrela. 2. Psicanálise e
literatura. 3. Desejo. 4. Macabéia (Personagem fictício). I. Miranda, Ana
Augusta Wanderley Rodrigues de. II. Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

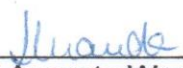
NAYARA LIMA NEVES

**SONS DE MACABÉA: POSSÍVEIS NOTAS DE DESEJO ENTRE A
PSICANÁLISE E A HORA DA ESTRELA**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 31 de março de 2017.

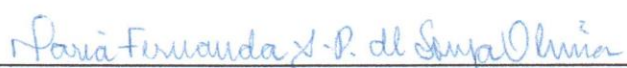
Comissão Examinadora



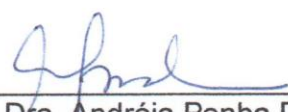
Profa. Dra. Ana Augusta Wanderley Rodrigues de Miranda
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Jorge Luís Gonçalves dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo



Profa. Dra. Maria Fernanda Alvito Pereira de Souza Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Profa. Dra. Andréia Penha Delmaschio
Instituto Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo

*À memória de Clarice Lispector, sobretudo por sua coragem de escrever A Hora da
Estrela*

*À memória de Sigmund Freud, quem nos abriu a janela para o universo iluminado de
uma escuta*

À memória de Jacques Lacan, por oferecer ainda mais luz à nossa travessia

*Ao meu pai, José Luiz, com quem nas noites da infância aprendi que as estrelas
fazem desenhos no céu*

*À minha mãe, Mara Rúbia, por nos trazer a poesia mesmo quando tudo ficava
escuro*

*À minha analista, Noêmia, capaz de derrubar um computador pela janela do décimo
primeiro andar para me escutar falar*

À minha melhor amiga, Flor, uma cachorrinha de alma profundamente luminosa

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES, obrigada por seus convites à Psicanálise, pela imediata aceitação de meu projeto desde o início movido por uma obra literária, *A Hora da Estrela*, e pelo tempo em que nos foi possível aprender juntos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), obrigada pela colaboração fundamental para a sustentação deste trabalho.

Professora Ana Augusta, muito obrigada. Sua presença no meu percurso, desde o começo de meu contato com a psicanálise na universidade, é uma presença valiosa. O fôlego com que nos transmite o que aprendeu e o que aprende deixa marcas inspiradoras no nosso caminhar. Obrigada, agora, por ter sido minha orientadora no mestrado, por me presentear no percurso da orientação com pedaços de sua estrada. O cacto, os doces biscoitos e o livro, e é neste instante que me dou conta disso, também guiaram o caminho que escolhi neste escrito. Pois que desde o dia do meu aniversário, passei a trazer *A Hora da Estrela* como uma obra que não se fez apenas árida, ainda que perecível.

Professora Maria Fernanda, obrigada por sua presença em mais uma etapa do caminho de minha formação. Suas palavras, tanto no momento da qualificação quanto no momento da defesa, deixaram ensinamentos fundamentais para estas páginas e para a minha vida. O seu registro no parecer, ao trazer a valiosa lembrança de nossa conversa enquanto passeávamos pelos percursos da universidade quando eu ainda cursava Letras (e quando já estávamos de mãos dadas com a psicanálise), fez-me ver que não mudei tanto assim de curso. Passaram-se dez anos e cá estamos, novamente. E sei o quanto é rara. Que sorte a minha, professora, passear com você.

Professor Jorge, obrigada pela atenção com que leu as páginas deste trabalho quando estavam começando e obrigada por recebê-las quando puderam caminhar um pouco mais. Ainda não sei se consigo responder inteiramente as perguntas que me fez na qualificação, mas foram elas que abriram um espaço de muito valor para

cada uma das letras que escrevi. Por que *A Hora da Estrela*? Para quem eu escrevo? Espero um dia alcançar respostas mais nítidas para as questões que, embora pareçam simples, sabemos que não são. Mas estou certa de que desde que as lançou, escrevo também para você. Tendo agora escutado suas palavras na defesa, é com felicidade que acrescento a este agradecimento o quanto sua sensível e surpreendente leitura se fez cara para este escrito, e para os demais escritos que puderem me acontecer.

Lulu, amiga, obrigada. Sinceramente, depois de mais de uma década, fico ainda admirada por nossa capacidade de fazer de cada encontro, o melhor dos encontros de nossa amizade. Você me acompanha desde quando ainda estávamos lá de uniformes e planos mirabolantes na escola. Quantas aventuras! Neste tempo de mestrado eu sabia que se tudo ficasse difícil, nós encontraríamos alguma graça. E se tudo melhorasse, também. Perpetuamos o nosso recreio. Ser sua amiga é uma graça preciosa e sei que com você aprendo que mesmo nas rasteiras da vida, mesmo quando estamos mal, estamos ótimas!

Vanessa, minha amiga tão querida, e agora? Já sabemos que não há palavras para tanto. Obrigada é uma delas. O tempo do mestrado foi mais um tempo que a vida me deu para sentir toda a força de nossa amizade. Quando na hora do nosso brinde você disser: “Ao seu trabalho!”, vou responder “À nossa amizade!”, e vamos sorrir ao som de “Lgrimas Negras”, com Bebo e Cigalla. Ou, quem sabe, e para piorar o drama, ouvir as canções com Chavela Vargas? Estamos descobrindo juntas como ser dramáticas e felizes nesta montanha-russa intensa que é a vida. E não é que a temos vivido?

Anna Paula, quem diria que a amizade que a graduação nos entregou nos daria tantas viagens: pelo mapa, pelos sonhos, pelo Freud, pelo Lacan... Bonito ver que, pelo tempo, também temos viajado. E hoje te vejo ainda mais forte, mais livre, mais determinada, mais dona de seu próprio embarque. Mais firme no corte que mantém acesa a chama da causa que nos move. Se antes nos restava entender com Freud o caos da conversão que nos impediria de ir ali, hoje é lá... E é uma sorte te acompanhar nessas jornadas. De *Nova Venécia* pra *Nova York*... Você não veio só

pra brincar. Obrigada por não dar trela pros meus medos com a turbulência “Amiga... É só como se fosse buraco na estrada!”: e foi assim que colaborou profundamente com as páginas deste escrito.

Aline, obrigada, ainda bem que de vivo para vivo as ligações não têm custo, senão, amiga, teríamos ficado até sem conseguir comprar cafezinhos nesta vivência de mestrado. Sem suas chamadas eu não sei bem como suportaria aqueles momentos de nenhuma produção e muito menos como ganharia fôlego para produzir mais. Espero que minhas chamadas também estejam te ajudando por aí. No fim das contas, todo o nosso esforço acaba valendo a pena só de percebermos que uma pode sempre contar com a outra. Olha, e tem mais: acho que agora podemos ir à praia!

A todos os meus demais amigos, um por um, obrigada! Nem todos trabalham comigo, mas muitos me acompanham vida afora e, sem que saibam, possibilitaram este escrito. Não só pelas vezes que compreenderam minha ausência, mas também pelas vezes que não a compreenderam. Seus nomes são de valor inestimável e eu os levo comigo, com cuidado e com afeto, por cada passo desta jornada.

Meus sobrinhos, José Lucas, Rebeca, João Miguel e Isabella, obrigada. Com vocês, a vida sempre tem graça. Se eu a trouxe pra cá foi pela sorte de ser, antes disso, a tia Nayara. Eu amo vocês.

Meus irmãos que brilham aqui, Nayra, José Victor e José Marco, obrigada. Nayra, você comemorou comigo quando fui aprovada no processo seletivo do mestrado. Estava lá. Você sempre esteve lá e isso é precioso, isso me ensinou também a estar neste trabalho. Victor, você me ensina que quando um desenho está confuso, é só a gente fazer outro. Isso renovou o meu trabalho. Marco, você me ensina que no jogo da brincadeira não importa quem ganha, importa a gente brincar. Isso me deu ânimo para, independente do fim, trabalhar. Eu amo vocês.

Ele acrescentou irritado sem atinar com o porquê de
sua súbita irritação e revolta:

– Essa história de regime de cachorro-quente é pura neurose e o que está
precisando é procurar um psicanalista!

Ela nada entendeu mas pensou que o médico esperava que ela sorrisse. Então
sorriu.

Clarice Lispector (*A Hora da Estrela*)

RESUMO

O presente trabalho se debruça na esperança de oferecer um encontro entre a psicanálise e a literatura, a partir do contato com a obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Propomos reconhecer a personagem heroína da novela, considerando que sua construção, tal como a construção psicanalítica do conceito de desejo, faz-se a partir do que é resto e a partir do que é falta. Nossa leitura se atenta para a relação possível entre ambas as construções, pois enquanto a psicanálise considera o desejo como resíduo a partir da falta que o inaugura, lemos em *A Hora da Estrela* uma personagem que, no lugar da falta, faz-se resíduo. A nossa conclusão busca apontar para uma consideração do desejo na obra *A Hora da Estrela*, através da personagem que, segundo seu narrador, ninguém via.

Palavras chaves: psicanálise, literatura, resíduo, falta, desejo

ABSTRACT

The present work focuses on the hope of offering an encounter between psychoanalysis and literature, by studying Clarice Lispector's work *The Hour of the Star*. We propose to recognize the novel's heroine, considering that her construction, as well as the psychoanalytic construction of the concept of desire, is made from what is rest and from what is lack. Our reading is attentive to the possible relation between both constructions, for while psychoanalysis considers desire as a residue from the lack that inaugurates it, we read in *The Hour of the Star* a character that, instead of lack, becomes a residue. Our conclusion seeks to point to a consideration of desire in the work *The Hour of the Star*, through the character that, according to its narrator, nobody saw.

Key words: psychoanalysis, literature, residue, lack, desire

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	11
2. INTRODUÇÃO.....	13

CAPÍTULO 1

3. DA LETRA AO LIXO... UM DESLIZE.....	20
4. DE DEJETO PARA DESEJO, UMA APOSTA	29

CAPÍTULO 2

5. <i>A HORA DA ESTRELA</i> E SUAS RELAÇÕES COM O DESEJO: UMA LEITURA POSSÍVEL.....	37
---	----

6. CONCLUSÃO	72
7. REFERÊNCIAS	77

1. APRESENTAÇÃO

Macabéa, a última heroína de Clarice Lispector, convocou-nos para este trabalho. Quando uma personagem nos convoca, e desejamos seguir com ela, faz-se a expectativa de uma já despedida. Porque uma obra literária que nos toma por longos anos e nos convida a produzir a partir do laço que com ela fizemos, lança-nos à perda necessária. Aquela que realizamos ao compartilhar o que antes ecoava apenas nos ganhos do silêncio. Se ousamos fazê-lo, é por acreditar que sem a perda, vale pouco se ter permitido ao atravessamento de um livro. Esperamos compartilhar com o leitor deste trabalho, portanto, o que *A Hora da Estrela* nos ofereceu.

Quando afirmamos que uma obra literária nos convidou a produzir, quando informamos que fomos convocados por uma personagem, estamos comunicando que fomos tocados ao ponto de considerar válido não emudecer o que o contato com a obra fez soar. As conseqüências deste compartilhar, certamente, não podem ser adivinhadas. O anseio é de que colaborem para um encontro possível entre a psicanálise e a literatura, e de que este texto se empenhe para ser fruto do encontro. Fruto que servimos ao leitor com a esperança de que lhe seja útil.

Muitos são os trabalhos acadêmicos em torno da nordestina de ovários murchos. Enquanto este se processa, alguns outros se fazem, cada um a seu modo, fazendo de Macabéa alguma questão. Fazendo, afinal, questão de Macabéa.

É que a moça despercebida tem lá o seu encanto. Datilógrafa mal sucedida em seu ofício, convoca vários universitários ao árduo trabalho, letra por letra. Se queria comprar um buraco, nos colocou diante dele, nós, nossos orientadores e os membros das bancas que nos acompanham. Por alguma razão, há anos é assim. A última obra de Clarice, seja nos cursos de letras, filosofia, psicologia, direito, serviço social, dentre ainda outros, costuma ser tema de vários trabalhos de graduação e de pós-graduação.

Bom, diante disso, cremos que se o narrador Rodrigo S.M. nos informa que ninguém olhava para Macabéa na rua, que ela era café frio, leva-nos a pensar ou que somos

ninguém e então a olhamos, ou que somos todos Macabéa, ou que gostamos de café frio.

Para nós, mais vale a segunda opção.

2. INTRODUÇÃO

Com o livro *A Hora da Estrela*, buscamos caminhar atravessados pela teoria psicanalítica. Sigmund Freud, o criador da psicanálise, aponta, em diversos momentos de sua obra, para a importância da literatura na formação dos psicanalistas. Os efeitos de seus encontros com a literatura transitam por entre as páginas que dedicou à sua criação. Muitas vezes provoca, ainda que em artigos técnicos, uma emoção que o lírico bem provocaria. Recebeu o Prêmio Göethe de Literatura, em razão de sua bela prosa poética. Assim, recebendo essa homenagem no lugar de um Nobel da Ciência, o primeiro psicanalista nos indicou que seu percurso se fez iluminado pela arte. Acreditou, sobretudo, que onde quer que ele tenha chegado, os poetas chegaram antes. Deixou-nos, enfim, esta pista tão cara, esta brecha, esta fenda:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência. (FREUD, 1996a, p. 20)

Sobre aquilo que a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar, não sabemos. Nem buscaremos sabê-lo. Quando Freud nos aponta que os escritores criativos são aliados e que estão adiante de nós, não escreve em seguida que, sendo assim, cabe a nós ultrapassá-los e desvendá-los. Ele nos diz: “diante do problema do artista criador, a análise, aí de nós, tem de depor suas armas” (FREUD, 1996b, p. 183). Aqui, no trabalho que busca se fazer transdisciplinar, não é de nossa opção tentar que a psicanálise decreta um entendimento sobre a obra literária. O que almejamos é trazê-las, psicanálise e literatura, numa aliança que trabalhe para produzir, justamente, a partir daquilo que não sabemos.

Em nossa leitura da Carta da Transdisciplinaridade (MORIN; NICOLESCU; DE FREITAS, 1994) fomos levados a reflexões que consideram o quanto o mundo se realiza em transformação constante e sensível, fazendo do saber uma conquista nem sempre estática.

A carta foi redigida pelo antropólogo, sociólogo e filósofo francês, Adgar Morin; pelo pintor, desenhador e escritor português, Lima de Freitas; e pelo físico romeno,

Basarab Nicolescu. Em seu artigo terceiro a carta anuncia que “A transdisciplinaridade é complementar da aproximação disciplinar; ela faz emergir da confrontação das disciplinas novos dados que as articulam entre si e que nos dão uma nova visão da natureza e da realidade” (MORIN; NICOLESCU; DE FREITAS, 1994).

Para se prestar ao esforço de colocar as áreas em diálogo, a transdisciplinaridade nos exige uma visão cautelosa. É preciso cuidado para que qualquer pretensão de saber não nos roube o que pode haver de mais precioso quando propomos uma articulação como essa. O artigo quatro alerta: “O formalismo excessivo, a rigidez das definições e a absolutização da objectividade comportando a exclusão do sujeito conduzem à deterioração” (MORIN; NICOLESCU; DE FREITAS, 1994).

A partir dessa visão transdisciplinar, fomos tocados por uma leitura que propõe reconhecer a heroína lançada ao lugar de exclusão, e, assim, perceber o apontamento para um laço possível entre a construção da personagem Macabéa e a construção do conceito de desejo em psicanálise. É que ambos parecem se fazer a partir do que é falta e a partir do que é resto.

Nosso norte, portanto, não se faz na busca de respostas que sobreponham um dos dois campos, mas no anseio de que a feitura desta escrita viabilize um possível encontro entre eles.

Em seu texto *Escritores criativos e devaneios*, curioso por compreender as fontes de onde chegaria o material artístico dos escritores e a razão pela qual tão fortemente podem nos impressionar e nos emocionar, Freud se debruça em suas investigações e chega a seguinte observação:

A verdadeira ars poética está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. [...]. O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. [...] Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonhas. (FREUD, 1996a, p. 142-143)

No mesmo texto, o psicanalista conclui que permanece um ponto enigmático. Como, afinal, um escritor consegue chegar a tanto? Para Freud, aí se encontraria o seu segredo mais íntimo. Anos mais tarde, em 1914, em seu texto *O Moisés de Michelangelo*, ele continua reconhecendo a força misteriosa da arte: “Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte. [...] Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura [...]” (FREUD, 1996c, p. 217).

Quando consideramos a singularidade de cada leitor, o enigma se torna ainda mais profundo: para cada um, o acesso será de um modo próprio, será uma leitura outra; para cada um, *A Hora da Estrela* será uma nova história, será o que cada leitura tiver sido capaz de criar.

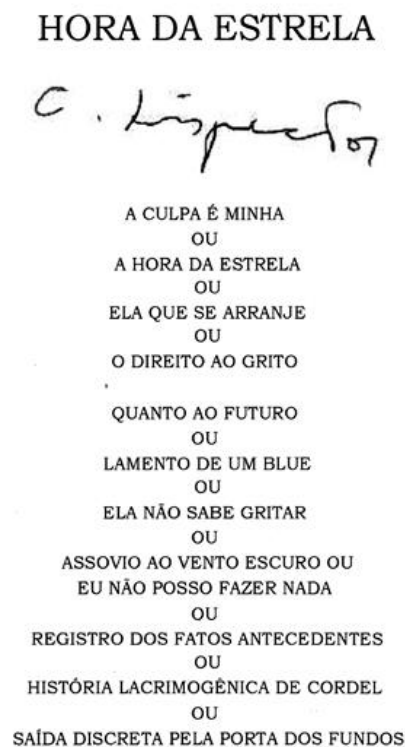
Para apresentar a criação de Clarice Lispector ao leitor, recorreremos às palavras da autora quando à obra se referiu numa entrevista que concedeu ao repórter Júlio Lerner no ano de 1977, dez meses antes de falecer. Transcreveremos o trecho em que Clarice fala da obra e em que também, em sequência, fala de sua relação com os seus leitores universitários:

- Antes de nós entrarmos aqui no estúdio você me dizia que está começando um novo trabalho agora, uma novela...
- Não, eu acabei a novela.
- Que novela é essa, Clarice?
- É a história de uma... De uma moça tão pobre que... Só comia cachorro-quente. A história não é isso só não... A história é de uma inocência pisada... De uma miséria anônima...
- O cenário dessa novela é em qual local?
- É Rio de Janeiro. Mas o personagem é nordestino, é de Alagoas.
- Onde é que você foi buscar dentro de si mesma... ?
- Eu morei em Recife. Eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira dos nordestinos, no Campo de São Cristóvão, e uma vez eu fui lá... E peguei o ar do... Meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia... De um... Depois eu fui a uma cartomante e imaginei... (Ela me disse várias coisas boas que iam me acontecer) e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história.
- Qual o nome da heroína da novela?
- Não quero dizer. É segredo.
- E o nome da novela, você poderia revelar?
- Treze nomes... Treze títulos.

- Você entra em contato, e acredito que com frequência, com jovens estudantes universitários?
- De vez em quando me procuram, mas eles têm muito assim... Medo de me atrapalhar... Eles têm muito medo de... De que eu não receba...
- Por qual razão?
- Eu não sei... Eu não sei por quê...
- Mas aqueles que conseguem ou romper a timidez...
- Aí ficam perfeitamente à vontade comigo e tomam café comigo e entram na minha casa, e eu recebo como amigo.
- Normalmente, o contato do jovem estudante com você revela que tipo de preocupação?
- Revela uma coisa surpreendente. É que eles estão na minha.
- O quê que significa estar na sua?
- É que eu penso às vezes que eu tô isolada e quando eu vejo, eu tô tendo universitários, gente muito jovem, que tá completamente ao meu lado. Aí me espanta e... E é gratificante, né? (PANORAMA, 1977, s/p)

Dentre os treze títulos, *A Hora da Estrela* foi aquele que ganhou a capa do livro. Os demais a que Clarice se refere são apresentados numa das páginas que antecedem a história:

Figura 1. Página de títulos do livro *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector



Através dessa saída discreta pela porta dos fundos, encontramos uma autora que chega ao ponto de concluir: “E a palavra não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela.” (LISPECTOR, 1998, p. 20). E na secura de cada linha há uma hora em que descobrimos, finalmente, o nome da heroína da novela.

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

- Macabéa.

- Maca, o quê?

- Béa, foi ela obrigada a completar.

(LISPECTOR, 1998, p. 43)

Nossa leitura se inclina a considerar que embora tão desértica seja a novela, e porque justamente desértica ela é, vê-se melhor o que em meio às ilusões tantas, a poeira vela. A personagem nordestina está árida, murcha, sem palavras enfeitadas. Talvez por isso seja possível vê-la.

É no deserto mais árido do mundo, o do Atacama, que se encontra o maior projeto astronômico da Terra. Ele é reconhecido como um dos melhores lugares para ver as estrelas. Ao nosso olhar, para além das impossibilidades, e por causa delas, a psicanálise e a última obra de Clarice Lispector se encontram neste ponto comum de esperança e de aposta. Ainda que em meio à aridez, sem enfeite, pode haver a beleza. Não sem trabalhos de atravessamentos também árduos, *A Hora da Estrela* se torna possível.

Lacan, no seminário que dedicou à ética da psicanálise, afirmou: o problema do desejo, para o sujeito que fala, deve ser entendido numa perspectiva de “juízo final”. Não o das religiões – julgamento por Deus, no final dos tempos; mas o de uma resposta pessoal à morte. Algo assim: o que cada um escreveria no seu próprio epitáfio, para concluir a sentença: “Minha vida valeu a pena, porque...”.

A inexistência de um saber universalmente válido sobre como completar a frase acima traz imenso desamparo. Diante desse buraco, não existe nada nem ninguém que nos socorra. É um ponto de solidão radical. Ao mesmo tempo, é o lastro mais real e irredutível de nossa liberdade... e nossa responsabilidade. Não existe ninguém que possa decidir, por algum outro, o que fazer diante disso. Cada um precisa responder por si só, descobrindo e inventando suas próprias saídas. A responsabilidade é, aí, pessoal e intransferível!

[...]

A psicanálise oferece recursos para quem deseja acertar as contas com os próprios infernos subjetivos... ou liquidar ilusões e entorpecimentos

insustentáveis. [...] É demorado e penoso; mas, afinal, é possível. (CRESPO, 2014, p. 224-225)

Com o intuito de tocar nesse ponto de possibilidade que não se faz sem esperança e aposta, escolhemos o conceito de desejo, via tão cara à psicanálise, como caminho deste trabalho que se debruça na obra *A Hora da Estrela*.

Com Freud, veremos que o desejo não se constitui sem falta, uma vez que será uma moção psíquica em busca de reestabelecimento de uma situação de satisfação anterior, que da falta depende para se constituir e no vazio da palavra se faz movimento na busca de “recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, reestabelecer a situação de satisfação original” (FREUD, 1996d, p. 595). No Seminário *O Desejo e sua interpretação*, vemos Lacan dizer que responder ao que é o desejo não comporta caminho simples e que os filósofos e poetas estariam mais qualificados para fazê-lo. Naquele momento, Lacan diz que não perguntará aos poetas e aos filósofos, não nos responderá, assim, o que é o desejo. Mas buscará entender “a natureza da criação poética em suas relações com o desejo” (LACAN, 2016, p. 14). Ali, mais lhe interessou a relação do que a definição. E assim nos ensinou que mais importante do que chegar a um saber, é nos permitir ao trabalho... Inspirou-nos para a entrega neste caminho que se faz encantamento e surpresa ao ler no poético de Clarice o que talvez venha a ser um possível encontro para além de nós:

[...] o desejo se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta. (LACAN, 1998, p. 633)

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. (LISPECTOR, 1998, p. 24)

[...] Aquela que é o resto, aquela que é o resíduo, aquela que está à margem de todas as demandas e que nenhuma dessas demandas pode esgotar. Este algo está destinado enquanto tal a representar uma falta, a representa-la como uma tensão real do sujeito. Isto é, se me permitem, o âmago da função do objeto no desejo. (LACAN, 2016, p. 399-400)

Para tal exígua criatura chamada Macabéa a grande natureza se dava apenas em forma de capim de sarjeta. (LISPECTOR, 1998, p. 80)

Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. (LISPECTOR, 1998, p. 36)

Ao longo do trabalho, atentos à sensibilidade que o texto literário nos desperta e acompanhados de textos encontrados nos ensinamentos de Freud e de Lacan, de textos de outros psicanalistas e professores que muito também nos ensinam e de criações poéticas de demais autores, também bem vindos ao encontro pretendido, buscaremos, enfim, compartilhar a nossa leitura do livro *A Hora da Estrela*, dispostos a descobrir em Macabéa novos lugares em sua trama, sem que deixemos de nos lembrar que, uma vez buscando reconhecer a personagem, estamos em concordância com a beleza valiosa deste aviso:

A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e planetária. O aparecimento do ser humano na Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da Transdisciplinaridade. Qualquer ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, sob o título de habitante da Terra, ele é simultaneamente um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional desta dupla pertença - a uma nação e a Terra - constitui um dos aspectos da investigação transdisciplinar. (MORIN; NICOLESCU; DE FREITAS, 1994)

Ao contrário de uma carta que pode ser endereçada, talvez um trabalho de mestrado não vá além de imaginar seus destinatários que virão ao longo do tempo, o que torna solitário, ainda mais, o ato da escrita. Mas a heroína da novela que trazemos convida mesmo ao desamparo. Sendo você psicanalista ou não, leitor (a) das obras de Clarice Lispector ou não, estudante ou não, professor (a) ou não, sinta-se bem-vindo (a).

Esperamos que seu encontro com Macabéa, a partir do encontro que aqui buscamos fazer com ela, contribua para que, apesar de toda aridez e justamente porque árido é, seja possível ver que uma estrela tem seu lugar e é capaz de inventar sua hora. Se ousamos um desejo é o de compartilhar esta aposta.

3. DA LETRA AO LIXO... UM DESLIZE

- Falar então de quê?

- Por exemplo, de você.

- Eu?!

- Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

- Desculpe mas não acho que sou muito gente.

- Mas todo mundo é gente, Meu Deus!

-É que não me habituei.

(LISPECTOR, 1998, p. 48)

De extremo e às vezes angustiante impacto, as falas de Macabéa, sem as firulas reconfortantes dos demais personagens, aludem à secura daquilo que a palavra não abarca, daquilo que a linguagem não conforta. Ela diz o que resta disso. O mínimo que sobra desse encontro com o impossível, na letra crua, vem à tona de repente. É tão cru que mesmo sendo palavra, não a conforta, não conforta o leitor, tampouco quem a narra o faz de um lugar tranquilo. É como se Macabéa trouxesse aquilo que ninguém quer saber e escancarasse assim o que nos escapa.

Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço só para ela. Mas não sabia como fazer e então perguntou a Olímpico:

– Você sabe se a gente pode comprar um buraco? (LISPECTOR, 1998, p. 49)

Perto, muito perto do buraco que queria comprar, Macabéa só não o compra porque não pode, seu namorado bruto responde que a pergunta sobre o buraco, assim como todas as outras que ela fazia, era uma pergunta sem resposta. É sem retorno que a personagem se segura para não cair no desamparo. E, portanto, cai. Não recebemos de *A Hora da Estrela* nenhuma ilusão de conforto para nossa heroína.

Será que eu enriqueceria esse relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem de estilo, ela é ao deus-dará. Eu que também não machucaria por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida parca como a da datilógrafa. (LISPECTOR, 1998, p. 36)

Sendo a história ao deus-dará, vez ou outra Ele lhe dava alguma coisa, mas não era um Deus dela, e sim dos outros. O narrador nos conta que apesar de sentir

momentos de êxtase, Macabéa não morava com Deus. Por não saber quem era Deus, para ela, Ele não existia. Era indiferentemente que rezava. “Mas o misterioso Deus dos outros lhe dava às vezes um estado de graça” (LISPECTOR, 1998, p. 63). Algum leitor aflito pode acabar esperando que em algum momento Macabéa receba salvação divina. É que é duro ler páginas tão secas. Mas é preciso a coragem de olhar a secura para ver o que há para além dela e apesar dela. A novela, como já foi dito, não foi feita para apaziguar realidades, dos outros era só de vez em quando mesmo que a personagem ganhava alguma coisa, a história é ao deus-dará. Quando lemos que o Deus é dos outros e não dela, ela colocada no lugar de “zé-povinho”, nordestina pobre e sem Deus, sentimos mesmo que a história é ao deus-dará. Traz-nos à memória alguns trechos de uma canção do Chico Buarque:

Diz que deu
Diz que deu
Diz que Deus dará
Não vou duvidar, ó nega
E se Deus não dá
Como é que vai ficar, ó nega?
Diz que deu
Diz que dá
E se Deus negar, ó nega
Eu vou me indignar e chega
Deus dará, Deus dará

Deus é um cara gozador
Adora brincadeira
Pois pra me jogar no mundo
Tinha o mundo inteiro
Mas achou muito engraçado me botar cabreiro
Na barriga da miséria
Nasci brasileiro
(BUARQUE, 1972)

A personagem nordestina, entretanto, não parecia se indignar ante ao cara gozador que adora brincadeira, pois sequer o conhecia, e estava bem como estava. Em sua trama, a vida parca se revela sem nenhum pudor (talvez por não ser tão parca assim, como podemos ler também mais adiante).

Encontramos com palavras que não nos poupam. Citamos algumas: *torto, corpo murcho, coisa opaca. Esmola. Oco. Lama. Plástico mastigado. O seu viver é ralo. Feto jogado na lata de lixo. Café frio. Desajeitada. Portão enferrujado. Raquítica. Onde o diabo perdera as botas. Nordestina amarelada. Ovários murchos. Rotina morna. Ôh mulher, não tens cara? Capim vagabundo. Sarjeta. Beco. Coisas insignificantes como ela própria. Ratos da rua do Acre. Nada, resto, bobagem, saco meio vazio de torrada esfarelada, zé povinho. Ferrugem. Migalha. Farrapo. Vocêzinha. Supérfluo. Paralelepípedos sujos. Não faz falta a ninguém. Fiapo.*

Não é sem o psicanalista francês Jacques Lacan que lemos essas palavras. Pois que em 1971, ao contribuir com a revista *Littérature* através de seu artigo *Lituraterra*, Lacan (2003, p. 11-25), atento à escrita de James Joyce, convida-nos a olhar para o deslizamento que o escritor irlandês faz de *a letter* para *a litter*. *Da letra/carta ao lixo*. A noção de letra é cara ao ensino lacaniano e, estando nós com Macabéa, aqui se torna interessante pensá-la na medida em que ela faz relação com o dejetivo, com o resto.

Ele: – E então?

Ela: – Então o quê?

Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível!

Ela: – É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível?

Ele: – Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.

Ela: – Acho que não sei dizer.

Ele: – Não sabe o quê?

Ela: – Hein?

(LISPECTOR, 1998, p. 48-49).

“Heim?”, a personagem pergunta pouco antes de falar que quer comprar um buraco. “– Olhe, você não reparou até agora, não desconfiou que tudo que você pergunta não tem resposta?” (LISPECTOR, 1998, p. 49), disseram a ela.

Lacan questiona: “A borda do furo no saber, não é isso que ela (a letra) desenha?” (2003, p.18, parênteses nossos). À borda do furo, do buraco, nossa personagem se desenha sem respostas. Com Miranda (2005) aprendemos a ver Macabéa enquanto letra. Para a autora da tese *Contornos do indizível: o estilo de Clarice Lispector*.

Macabéa é letra e, por essa razão, é capaz de contornar o furo do texto e fazê-lo criar-se, bem ao estilo clariceano, “na iminência de”. Entre as poucas aspirações da resignada moça nordestina está a de comprar, só para si, um buraco, talvez para tecer à vontade em torno dele, pois a função paradoxal da letra, como pontiaguda agulha, é furar para possibilitar a passagem de fios capazes de restaurar a trama rompida. (MIRANDA, 2005, p. 137)

Para elaborar nossa consideração de Macabéa numa função que se compara à função da letra desenvolvida por Lacan, empenhar-nos-emos a desenvolver, a partir da leitura da tese mencionada, algumas considerações acerca da noção lacaniana de *letra*.

Lacan, em seu texto *Seminário sobre a carta roubada*, atenta-se para *lettre*, palavra francesa cujo significado duplo (carta ou letra), possui uma função que em determinado conto de Edgar Allan Poe, *A carta roubada*, está para além da função de se fazer transmissão de alguma mensagem (MIRANDA, 2005, p. 141).

Miranda (2005) nos atenta para que, sendo a letra matéria, ela tanto pode ser rasurada quanto também manipulada. E sua importância no conto de Poe se dá mais nisso do que na transmissão da mensagem que a constitui. No conto, há uma carta comprometedora endereçada à rainha, mas que se mantém na posse temporária do ministro, na medida em que ele a rouba, julgando que assim, por meio da chantagem, teria o poder sobre ela. Estando a carta suspensa, há consequências sob os sujeitos em torno dela. Significante e letra ganham assim, por Lacan, utilização indistinta. “Ao passarem sob sua sombra, tornam-se seu reflexo. Ao entrarem de posse da carta/letra, é o sentido dela que os possui” (LACAN apud MIRANDA, 2005, p. 142).

Tal é a resposta do significante para além de todas as significações: “Acreditas agir quando te agito ao sabor dos laços com que ato teus desejos. Assim, estes crescem como forças e se multiplicam em objetos que te reconduzem ao despedaçamento de tua infância dilacerada. Pois bem, é isso que será teu festim até o retorno do convidado de pedra que serei para ti, posto que me evocas”. [...] Sem dúvida, eis que aí vemos o audacioso reduzido à condição de cegueira imbecil em que mergulha o homem diante das letras de muralha que ditam seu destino. (LACAN apud MIRANDA, 2005, p. 142)

Na tese mencionada, vemos que em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, Lacan nos aponta novamente para a noção de letra submetida à de significante. “Designamos por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (LACAN apud MIRANDA, p. 142). Remontando o

ensino freudiano sobre os sonhos, Lacan se depara com a ideia de que “o valor de significante das imagens do sonho não tem a ver com sua significação. Elas têm o valor de letras” (MIRANDA, 2005, p. 143). Para exemplificar a ideia, Miranda recorre a um sonho relatado pelo autor do livro *Letra a letra* de Jean Allouch. O relato se refere ao sonho de um sujeito em análise. Ele fabrica seu sonho a partir de um comentário que a esposa lhe teria feito antes de dormirem. Ela comentara sobre o ganho de peso do marido. Quando então ele sonha, produz a imagem de um homem que carrega outro em seu ombro. O corpo que está no ombro se torna um grande peixe. O sonhador é francês e a interpretação a que chega se dá da seguinte maneira: associa o grande peixe, *poisson*, a seu peso, *sonpoid*. De modo que nos revela assim que se sua língua materna não fosse o francês, o sonho precisaria recorrer a outras imagens.

O próximo escrito de Lacan a que Miranda faz menção em sua tese é *Lituraterra*, aqui outrora mencionado também. É quando Lacan associa a letra ao lixo. Em *Lituraterra*, Lacan não mais trata letra e significante como indistintos. Dada essa distinção, recorreremos ao que nos faça compreendê-la:

Em *A obra clara*, Jean-Claude Milner (1996) estabelece uma contraposição esquemática entre os conceitos, afirmando que o significante é apenas relação, na medida em que sua função representativa só se dá na articulação em cadeia com outros significantes. A letra também estabelece relação com as outras letras, mas não consiste apenas nestas relações. As relações entre os significantes são baseadas na diferença entre eles, o que não permite lhes atribuir uma positividade e uma qualidade próprias: cada significante é apenas aquilo que o outro não é. A letra, entretanto, possui uma positividade e uma qualidade; no discurso em que ela se situa – pois ela é um efeito de discurso –, é idêntica a si mesma. [...] A letra é passível de ser rasurada e mesmo destruída, enquanto o significante é indestrutível. Ele pode, no máximo, faltar no lugar onde é esperado sendo impossível deslocá-lo. Um significante isolado não se transmite e nada transmite. (MIRANDA, 2005, p. 146)

Há o que está para além do significante. O significante não pode abarcar tudo, transmitir o que estaria fora dele. A letra, fazendo borda, pode se referir ao que o significante não abarca. Quando Macabéa quer comprar um buraco, pode até indicar o que em si ressoa como vazio, mas o buraco ela não pode ser. O possível é se aproximar dele, contornando-o, chamando-o, por exemplo, de buraco. Esse contorno faz a margem, o litoral. Entendemos que entre o que o significante abarca e aquilo que está para além do significante, registra-se justamente esse litoral no qual a letra se desenha. E, pensando em nossa personagem: litoral no qual Macabéa se

desenha. “Não é a letra... Litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fronteira para o outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos?” (LACAN, 2003, p. 18).

Estamos percebendo que isso que resta entre o que a palavra abarca e aquilo que a palavra não abarca, pode ser justo o que faz fronteira: o litoral e, portanto, a letra. E a letra, quando se associa ao lixo, quando a ela Lacan atribui materialidade, pode então ser amassada. Lançada fora. Feito a nordestina que mora nas páginas de Clarice sem pedir muita coisa. O buraco foi uma delas, e não lhe seria de graça. É com a dignidade de pagar por ele com seu dinheiro de datilógrafa que ela nele se interessa.

Tal como uma carta que pode ser amassada e jogada no lixo, a personagem que é letra caminha pelas ruas da grande cidade do Rio de Janeiro, sem que a percebam. Mas só é letra na medida em que, embora quase imperceptível, alguém a olha. No caso, seu narrador Rodrigo S.M. É porque vira letra que pode virar lixo. “[...] Se houver algum leitor para essa história quero que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 39).

Macabéa parece ir da letra ao lixo. O mundo sem ela parecia acontecer muito bem. Mas talvez sem ela não acontecesse tanto assim, pois que parece o mundo necessitar de ignorar alguém, necessitar de jogar fora. Quando se ignora Macabéa, ou a tratam com brutalidade na tentativa de rasgá-la, rasgar a letra, lançá-la ao lixo, mantém-se o funcionamento cotidiano das coisas.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1998, p. 14)

Para José Castello, “*A Hora da Estrela* é um romance sobre o desamparo a que, apesar do consolo da linguagem, todos estamos entregues” (LISPECTOR, 1998). No lugar de apelar, tal como a letra de Chico Buarque, para a revolta que reclama: “Jesus Cristo ainda me paga/um dia ainda me explica/como é que pôs no mundo essa pouca titica” (BUARQUE, 1972), o livro *A Hora da Estrela* revela personagem pouca titica que não reclama por não saber a quem. E, mais: lança-nos ao desamparo imediato. “Esse quem será que existe?”

No seminário *O desejo e sua interpretação*, vemos Lacan (2016, p. 26) supor que o desejo se produz no mesmo lugar onde, inicialmente, se origina e experimenta o desamparo. Embora sem consolo, começamos a notar que estamos, portanto, com Macabéa, numa aposta. “Ante a presença primitiva do desejo do Outro como obscuro e opaco, o sujeito encontra-se sem recursos, hilflos. A *Hilflosigkeit* – emprego o termo de Freud – diz-se em francês *détresse*, o desamparo do sujeito” (LACAN, 2016, p. 26). Esse encontro com o obscuro e opaco aparece, para Lacan, fundamental para que se constitua o desejo. Na relação com o Outro, uma vez sem garantia de saber “O que quer você?”, é que se pode quem sabe chegar às perguntas: mas o que é que eu quero, afinal? O que me resta diante dessa falta? Diante desse Deus que nem sei mesmo se está?

O dever que o narrador se imputa, o de revelar a vida da nordestina, entrega-nos dois efeitos de leitura em relação ao que Lacan nos traz em *Lituraterra*. O primeiro é o de que o narrador se recusa a ignorá-la como o faz a maioria. Escreve sobre sua vida, fazendo-a virar letra na medida em que a coloca à margem. O segundo é o de que ele precisa lhe atribuir, cada vez mais, o lugar de dejetos, fazendo-a virar lixo. Da letra ao lixo, como no deslize de James Joyce, e deslize sem salvação (será que existe?) lá vai a Macabéa. “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Uma noção psicanalítica que faz relação com a *letra* enquanto resto é a que Lacan denominou de *objeto a*. A noção é aqui mencionada porque faz relação com Macabéa, uma vez que apresentamos a leitura que a considera *letra*. Nas nossas leituras do seminário *O desejo e sua interpretação*, já vemos com Lacan (2016, p. 399) que *objeto a* é isso que se submete à condição de expressão daquilo que é resto, que é resíduo, daquilo que é a condição última do sujeito. Vemos, portanto, Lacan articular o *objeto a* à ideia de resto.

Quanto ao *a* minúsculo, o objeto do desejo, sua natureza é ser um resíduo, um resto – nomeadamente o resíduo deixado pelo ser com que o sujeito falante se confronta, o resto de toda demanda possível. É por aí que o objeto encontra o real. (LACAN, 2016, p. 512)

O resíduo recebe valor considerável na medida em que lemos, ao longo de nosso percurso, que esse objeto, além de receber o lugar de resto, passa a receber a

função de causa. É o que, portanto, faz a falta. A falta que Macabéa encarna, por exemplo, como resto, é a razão pela qual seu narrador escreve. Não escreve por causa de Macabéa, é importante observar, mas pela falta que ela representa. Ele se impõe a obrigação de revelar a vida de uma nordestina que, como tantas, ninguém vê. Parece incomodá-lo que seja assim. “Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força de lei’” (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Se Rodrigo não a visse para revelar sua existência, não a conheceríamos. Nem nos reconheceríamos nela. “Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida?” (LISPECTOR, 1998, p. 36). E diz ainda: “Cuidai dela porque meu poder é só mostra-la para que vós a reconheçais na rua [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Encontrar por acaso com Macabéa não consideramos tarefa fácil. A obra seca se faz espelho, tentamos nos esquivar, manter a compostura que exige o afastamento que talvez se faça necessário para um trabalho acadêmico, ou então, buscamos ao menos um pouco da frieza com a qual o personagem-escritor diz querer contar a história. Mas se nem Rodrigo consegue...

Se o que encontramos na personagem não é fácil de olhar, o que ela encontra também não o é. Quando Lacan nos ensina que é pelo resto que o objeto encontra o real, novamente pensamos no buraco que Macabéa quer para ela. O buraco, esse impossível, podemos, com Lacan, chamar de real. E pensar assim: se o real (o buraco), não se pode abarcar (nem comprar), mas se pode a letra (a Macabéa) a ele se referir, quem sabe não podemos ler que talvez tenha se dado, com Macabéa, esse encontro a que Lacan faz menção no *Desejo e sua interpretação*?

A noção de real é desenvolvida ao longo do percurso do ensino lacaniano. O que nos importa no momento é mencioná-la, por acharmos que aí está o possível laço com *A Hora da Estrela*, na medida em que se trata:

[...] de uma noção um pouco menos específica do real e que pode ser encontrada no início da obra, por exemplo, em *O seminário*, livro 2 (LACAN, 1987, p. 209): [...] aparecimento angustiante de uma imagem que resume o que podemos chamar de revelação do real naquilo que tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação possível, do real derradeiro, do objeto essencial que não é mais um objeto, porém esse algo diante do que

todas as palavras estancam e todas as categorias fracassam, o objeto de angústia por excelência. (MIRANDA, NEVES, 2016)

E já estamos vendo que Clarice, com sua obra final, convida o leitor para suas alusões ao que a palavra não alcança. Em *A Hora da Estrela* “se evolui um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases” (LISPECTOR, 1998, p. 14). Enquanto Lacan traz a ideia de que há algo para além de significantes, o personagem narrador da novela comunica que em relação a sua vida “não tem uma só palavra que a signifique” (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Esse lugar que é heterogêneo aos significantes, é nesse lugar que entendemos que habita o real. Ante ao real, à consequência de se ter nascido, de ter de se haver com isso, com um isso que não se sabe, com um isso que escapa, com isso que resta, inventaram Macabéa.

Macabéa parece encarnar a falta e, com ela, a causa que leva Rodrigo a revelar uma vida. Com Freud e com Lacan veremos em seguida que o desejo só existe porque uma falta o constitui. De modo que se da letra ao lixo, de *a letter* para *a litter* desliza a nossa personagem, quem sabe não nos seria possível apostar em outro deslize também? De *dejeito* para *desejo*.

4. DE DEJETO PARA DESEJO, UMA APOSTA

Para pensarmos em desejo com Freud, nós o acompanhamos neste caminho que fez em seu escrito *A interpretação dos sonhos*, quando chega ao capítulo *A psicologia dos processos oníricos*, no ponto que se refere à “realização de desejos”: se o bebê está com fome, ele grita, chuta, esperneia, avisa como pode avisar. E assim permanece, pois a excitação que chega a ele devido a uma necessidade, não é resposta a uma força momentânea, e sim a uma força cuja ação se faz contínua. Para o bebê faminto, a mudança de sua situação, portanto, depende de auxílio externo. Somente assim vive sua satisfação e somente vive-la dá a ele o fim do estímulo interno. O que se faz fundamental para a vivência de satisfação “é a percepção específica (a de nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica associada, daí por diante, ao traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade” (FREUD, 1996d, p. 594-595). Assim, quando então o bebê sentir novamente essa necessidade, o movimento psíquico imediato será o de procurar “recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, reestabelecer a situação de satisfação original” (FREUD, 1996d, p. 595).

Este movimento, esta moção psíquica é que Freud então chama de desejo. A realização do desejo se dá, para ele, no reaparecimento da percepção. Através dos sonhos, de nossas criações oníricas, ele pôde escutar desse modo, considerando então que quando sonhamos, é justo isto que fazemos: fazemos reaparecer essa percepção, realizamos desejo. O sintoma seria uma outra via para a realização de desejo.

Aqui nos interessa assim ver que Freud já se inclina a considerar o desejo como traço de memória. Ele não aponta que o desejo é a necessidade da criança faminta. O que ele diz é de uma imagem mnêmica. O desejo se firma num movimento, no qual está suspenso, realizando-se numa cena outra. Nessa brecha, ou nesse espaço que talvez possamos chamar de vazio, ali ele habita, não como necessidade do que quer que seja, mas como força, moção, traço, em direção ao que, embora possa se realizar, há que se manter, em algum ponto, insatisfeito. Ele é, por condição, insatisfeito. Fosse a criança imersa no banho de satisfação plena, não haveria vazio possível para o desejo se instaurar. Quando se diz que é preciso que

algo falte, não é um dizer por acaso. Mas há que haver um acaso que aponte para a condição estruturante do desejo, e que seja ele a falta, senão não há lugar possível. Quando Freud compartilha conosco em *A interpretação dos sonhos*, um de seus casos clínicos, aquele em que sua paciente dizia querer caviar, ao mesmo tempo em que pedia ao marido que não lhe desse caviar, assim já nos revela um exemplo em que o que se deseja é justamente um desejo insatisfeito, uma brecha ali onde a suspensão, o intervalo, a fenda, faz-se via possível para a moção psíquica que Freud chama de desejo. O casamento de sua paciente, uma vez que o marido consentisse em não lhe dar o caviar, estaria bem. Desse modo, seu marido lhe dava uma satisfação: que era sua insatisfação. Dava-lhe um desejo insatisfeito. Ou seja, sua condição para desejar. O desejo se faz justamente na falta do caviar, que poderia ser qualquer outra coisa, enfim, qualquer outro significante. No caso relatado por Freud, era caviar porque era esse o significante que traçava a história contada.

O marido de minha paciente, um açougueiro atacadista, honesto e competente, comentara com ela, na véspera, que estava ficando muito gordo e que, por isso, pretendia começar um regime de emagrecimento. Propunha-se levantar cedo, fazer exercícios físicos, ater-se a uma dieta rigorosa e, acima de tudo, não aceitar mais convites para cear. - Ela acrescentou, rindo, que o marido, no lugar onde almoçava regularmente, tratava conhecimento com um pintor que o pressionara a lhe permitir que pintasse seu retrato, pois nunca vira feições tão expressivas. O marido, contudo, replicara, à sua maneira rude, que ficava muito agradecido, mas tinha a certeza de que o pintor preferiria parte do traseiro de uma bonita garota a todo o seu rosto. Ela estava muito apaixonada pelo marido e caçoava muito dele. Ela também implorara a ele que não lhe desse nenhum caviar. Perguntei-lhe o que significava isso, e ela explicou que há muito tempo desejava comer um sanduíche de caviar todas as manhãs, mas relutava em fazer essa despesa. Naturalmente, o marido a deixara obtê-lo imediatamente, se ela lhe tivesse pedido. Mas, ao contrário, ela lhe pedira que não lhe desse caviar, para poder continuar a mexer com ele por causa disso. (FREUD, 1996d, p. 181)

Com a escuta que Freud fez desse caso clínico, aprendemos que ali onde então o significante vacila, escapa, falta, ali se dá chance para o desejo. O desejo se mostra, portanto, como aquilo que inaugura uma passagem para que a falta se cumpra.

No *Seminário 5, As formações do inconsciente*, Lacan (1999) retorna ao caso, intitulando-o *O sonho da bela açougueira*, debruçando-se atentamente no texto de Freud, fazendo algumas pontuações e, dentre elas, que a demanda não é equivalente ao desejo, mas que se constroem numa dialética sem a qual o casamento, por exemplo, em questão, não teria nenhuma graça. “O que nos diz Freud, formalmente, é que ela quer que o marido não lhe dê caviar, para que eles

possam continuar a se amar loucamente, isto é, a implicar um com o outro, a se atazanar a perder de vista” (LACAN, 1999, p. 376). Uma vez que tocamos aqui no fato de que há diferença entre demanda e desejo, faremos um intervalo no qual trabalharemos a diferença entre demanda, desejo e também necessidade, formulada por Lacan em seus *Escritos*, para depois retornarmos o *Seminário 5* e continuarmos com Lacan na busca de compreender um pouco mais sobre o desejo, para que assim se faça possível estabelecer o diálogo que pretendemos.

No texto *A significação do falo*, que compõe os *Escritos* ele nos ensina que a demanda é distinta da satisfação porque ela clama. Ou ela se faz demanda de uma presença ou de uma ausência, manifestadas pela relação primordial com a mãe, que já possui o “privilegio” de satisfazer as necessidades, como vimos com Freud em seu exemplo do bebê faminto. Esse privilégio, para Lacan (1998, p. 697-698), é também o poder: aquele que pode privar a criança da única coisa que a satisfaz. O que faz esse privilégio? Conta-nos o psicanalista francês:

Desenha a forma radical do dom daquilo que ele não tem, ou seja, o que chamamos de seu amor. É através disso que a demanda anula (aufhebt) a particularidade de tudo aquilo que pode ser concedido, transmutando-o em prova de amor, e as próprias satisfações que ela obtém para a necessidade degradam-se (sicherniedrigt) em nada menos do que o esmagamento da demanda de amor. Há, portanto, uma necessidade de que a particularidade assim abolida reapareça *para-além* da demanda. E ela de fato reaparece, mas conservando a estrutura receptada pelo incondicionado da demanda de amor. Por um reviramento que não é uma simples negação da negação, a potência da pura perda surge do resíduo de uma obliteração. (LACAN, 1998, p. 698)

A demanda de um amor incondicionado faz restar aquilo que nada supre, porque se faz impossível. É possível ler que a necessidade se faz na medida em que aquilo de que se foi privado reapareça para além da demanda de amor. Demanda de um amor incondicionado e, portanto, impossível, que faz restar aquilo que nada supre. A esse incondicionado proposto pela demanda, lemos que o desejo vem em substituição, no lugar do que era a “condição absoluta”. Condição essa que “deslinda, com efeito, o que a prova de amor tem de rebelde à satisfação de uma necessidade” (LACAN, 1998, p. 967-968).

Ainda nos escritos, Lacan tenta esmiuçar mais, chegar mais perto do desejo e suas diferenças em relação à demanda e à necessidade. Para isso, precisa articular o que ele chama de estrutura do desejo. É deste modo que o faz:

[...] o desejo se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta. (LACAN, 1998, p. 633)

O complemento do Outro entendemos que seria, assim, sua falta, aquilo que ele não possui. Essa falta Lacan diz que é o amor. Mas não só o amor. É também o ódio e a ignorância. “Paixões do ser”, ele nos diz... São as paixões do ser o que se evoca para-além da necessidade.

É também isso, paixões do ser, o que toda demanda evoca para-além da necessidade que nela se articula, e é disso mesmo que o sujeito fica tão mais propriamente privado quanto mais a necessidade articulada na demanda é satisfeita. Mais ainda, a satisfação da necessidade só aparece aí como o engodo com que a demanda de amor é esmagada, remetendo o sujeito ao sono com que ele frequenta os limbos do ser, deixando que este fale nele (LACAN, 1998, p. 633-634).

Na novela literária com a qual estamos trabalhando, vemos que a personagem Macabéa vive num limbo impessoal e nele não alcança nem o melhor e nem o pior. E há também outras descrições para além desta. Logo as veremos.

Para Lacan, nessa prática engenhosa de estruturação do desejo, há que se ter cautela. Pois que, por exemplo, quando uma criança é empanturrada pela papinha dos que sabem sobre suas necessidades, há algo que se confunde: os cuidados são confundidos com o dom de amor.

Mas a criança nem sempre adormece assim no seio do ser, sobretudo quando o Outro, que também tem suas ideias sobre as necessidades dela, se intromete nisso e, no lugar daquilo que ele não tem, empanturra-a com a papinha sufocante daquilo que ele tem, ou seja, confunde seus cuidados com o dom de seu amor. É a criança alimentada com mais amor que recusa o alimento e usa sua recusa como um desejo (anorexia mental). (LACAN, 1998, p. 634)

É assim que Lacan considera que o ódio retribui a moeda de amor. E a ignorância, entretanto, fica sem perdão. Na recusa da criança a satisfazer o que a mãe demanda, uma exigência está posta: que haja um desejo pra além dela para que assim uma falta venha a se fazer condição estruturante de seu desejo.

Rodrigo S.M. faz outra descrição de Macabéa:

Esqueci de dizer que às vezes a datilógrafa tinha enjoo para comer. Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha a grande fome. Parecia-lhe que havia cometido um crime e que comera um anjo e, porque acreditava, eles existiam. (LISPECTOR, 1998, p. 39-40)

Qual seria a grande fome da personagem? Com Lacan e com Freud, vemos que o desejo não é o apetite da satisfação. E ela não tinha mesmo esse apetite. O que tinha era a grande fome. Vemos também que o desejo não é demanda de amor. Mas esse resto, isso que “resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (Spaltung)” (LACAN, 1998, p. 698). Parece que o desejo é Isso que se faz resíduo resultante daquilo que nem a necessidade e nem a demanda poderiam resolver, isso que sobra diante do apelo, isso que faz da falta uma condição essencial para sua constituição. Diante da falta, é o que resta: esse movimento de busca que em direção a uma cena outra, segue e insiste. Macabéa, como já anunciamos, era resto, era dejetivo. Ocupava um lugar de dejetivo na grande cidade do Rio de Janeiro. Entre ela e o resto do nada, diz seu narrador, não havia distinção. E tinha a fome de tudo. Perguntamo-nos se esse tudo estaria indicando para uma ausência também de limite, pois que nos interessa o limite neste trabalho na medida em que estamos aprendendo que o desejo não se faz sem ele. E o personagem-escritor afirma: “Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força da lei’” (LISPECTOR, 1998, p. 18). Essa força se faz necessária na medida em que Lacan nos lembra de que o que Freud revela é que não fosse a lei, a criança estaria lançada à devastação. Com *A Hora da Estrela*, vemos que se Macabéa, enquanto letra, faz o litoral, a borda no buraco, fica assim garantido um limite.

Freud nos revela que é graças ao Nome-do-Pai que o homem não permanece preso ao serviço sexual da mãe, que a agressão contra o Pai acha-se no princípio da Lei, e que a Lei está a serviço do desejo que ela institui pela proibição do incesto. Pois o inconsciente mostra que o desejo está agarrado à proibição, que a crise do Édipo é determinante para a própria maturação sexual. (LACAN, 1998, p. 866)

Para Lacan, “é antes a assunção da castração que cria a falta pela qual se institui o desejo. O desejo é desejo de desejo, desejo de Outro, como dissemos, ou seja, submetido à lei” (LACAN, 1998, p. 866). Quando, de nosso modo, positivamos a falta encarnada por Macabéa durante o percurso de nosso trabalho, estamos marcando justamente um ponto que se faz via fundamental para a estruturação do desejo. Aqui não fazemos uma leitura alegre das dores, mas uma leitura que considera que, sem a falta, não há mesmo qualquer esperança. Se dizemos que há esperança no livro *A Hora da Estrela*, é porque o que mais a obra revela é essa condição humana que, miserável mesmo, e porque miserável, e porque cheia do

que é vazio, abre espaço para atribuímos à personagem um lugar. No que se refere à positivação da castração, a psicanalista Noêmia Santos Crespo, em seu livro *Modernidade e declínio do pai: uma abordagem psicanalítica*, lembra-nos de que Lacan faz uma aposta. Que é, de certo modo, na possibilidade do sujeito se a ver com a falta de maneira positiva.

Não se trata de uma denegação da falta; não se trata de desmentir a angústia, nem a insatisfação decorrente da perda do objeto; não se trata de pensar a própria angústia como Dom agradável de Deus. Trata-se de “positivar” a falta inerente à experiência humana, pois ela é a passagem obrigatória para a constituição do desejo. (CRESPO, 2003, p. 166)

Sem a falta, não há espaço para a fenda a que Lacan se refere. O que é a fenda senão um intervalo, um espaço que entre um e outro, faz-se vazio e presentifica uma falta ao mesmo tempo em que apresenta uma passagem? É por uma fenda que se nasce, é por uma fenda que se fala, é por uma fenda que se entra, e também por fenda é que se vai. Para a psicanálise, por uma fenda, é que se deseja. Sem o espaço da fenda, por onde caminhará a moção psíquica a que Freud se refere enquanto desejo?

Para tanto, para que ela nos reste, faz-se preciso este certo mecanismo engenhoso que, tal qual aquele que rege um moinho de vento, transmuta-se num engenho que entre necessidade, demanda e desejo, por fim, faz-se movimento. O vento é a fonte de energia do moinho. Através dela se produz, por exemplo, bombas hidráulicas capazes de drenar a água da chuva para o mar. Transformar a energia do vento em energia cuja utilidade se faz outra é, necessariamente, contar com uma perda. E é dessa perda que a força emerge. Potência que, como diz Lacan, e retomamos mais uma vez, surge do resíduo de uma obliteração.

Voltemos agora o *Seminário 5*, indo ao capítulo *As máscaras do sintoma*. Nele Lacan nos diz que a ênfase da descoberta freudiana, já em seu início, era depositada no desejo. Seja para tratar de sonhos ou de sintomas, Freud enfatizava que se tratava de uma questão do desejo.

[...] não foi a análise que descobriu a função do desejo, mas ela permitiu perceber a que grau de profundidade é levado o fato de o desejo humano não estar diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz mas estar ligado a uma posição assumida pelo sujeito na presença desse objeto e a uma posição que ele assume fora de sua relação com o objeto, de tal modo que nada jamais se esgota, pura e simplesmente, na relação com o objeto. (LACAN, 1999, p. 331)

Faremos no decorrer do trabalho algumas leituras do modo como nossa personagem se coloca em relação aos objetos da história, e também fora dessa relação, pois que, segundo seu narrador, se Macabéa pudesse refletir um pouco mais, talvez concluísse: “O mundo é fora de mim. Eu sou fora de mim” (LISPECTOR, 1998, p. 24).

O psicanalista francês recorda também de que a análise, se por um lado não foi o que descobriu a função do desejo, por outro nos faz perceber o caráter que ele considera vagabundo, fugidio, inapreensível do desejo. O desejo escapa.

Aos poucos vamos aproximando a construção do desejo da construção da personagem uma vez que o que Macabéa faz em relação ao personagem-escritor, é justamente escapar. “É que realmente não sei o que me espera, tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante querendo que eu o recupere” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

No capítulo *As máscaras do sintoma*, Lacan chega a afirmar que “O desejo humano, em suas relações internas com o desejo do Outro, foi vislumbrado desde sempre” (LACAN, 1999, p. 332). Ele então se reporta a Hegel em busca de caminhos de reflexão para se permitir um início de investigação. Alertando-nos de que com isso não anula a originalidade do que Freud nos traz a respeito dessas relações do desejo humano, mas que considera que uma investigação assim “nos permite lançar uma luz muito essencial sobre a natureza do desejo” (LACAN, 1999, p. 332).

A princípio, em relação ao caminho que Hegel seguiu em sua primeira abordagem do desejo, está, para Lacan, longe de ser uma via dedutiva. “Trata-se de uma apreensão do desejo por intermédio das relações da consciência de si com a constituição da consciência de si no outro” (LACAN, 1999, p.332). Através disso a questão fundamental se torna saber de que forma se inaugura a dialética da própria vida. Lacan diz que o que Freud nos traz é um caminho diferente desse, embora, e isso ele considera curioso e notável, o desejo também se apresenta para Freud profundamente ligado à relação com o outro. Ainda que, ele diz, venha a se tratar de um desejo inconsciente.

Para Lacan, quando intervimos, quando interpretamos, quando nomeamos algo, independente do que façamos, já estamos fazendo além do que supomos fazer.

“Substituímos por um alguém o ninguém a quem o sintoma é dirigido, na medida em que ele está no caminho do reconhecimento do desejo” (LACAN, 1999, p. 340). Por isso é que na medida em que atribuímos um objeto para aquele desejo, nós o desconhecemos, já que não se trata de um objeto. Já vimos, e vemos agora novamente com Lacan, que se trata do desejo enquanto desejo daquela falta. Falta que, ele acrescenta: “no Outro, designa um outro desejo” (LACAN, 1999, p. 340). Falta essa que lemos aqui como impossível de tamponar, uma vez que na cadeia significante, nada faz senão deslizar. Ou seja, o sistema simbólico, na impossibilidade de dar conta de tudo, deixa este resto, este dejetto ante ao qual um buraco se mantém sem vias de tamponamentos, tal como o buraco que Macabéa quer comprar. Esse dejetto que, assim, traz à possibilidade uma relação com o desejo.

5. A HORA DA ESTRELA E SUAS RELAÇÕES COM O DESEJO: UMA LEITURA POSSÍVEL

Na medida em que buscamos uma leitura que considera trabalhar o desejo nas relações com uma obra literária certamente tocamos assim num ponto que nos convida. Estamos interessados em reconhecer Macabéa. Não o desejo de Macabéa, porque, como vimos, o desejo escapa. Mas reconhecê-la enquanto quem deseja. O seu movimento na trama. O narrador se coloca nessa causa, a de fazer com que a reconheçamos. E quando nos damos conta, estamos respondendo a ele na medida em que buscamos reconhecê-la. Comunicar-se assim com uma ficção desperta sentimentos variados, sobretudo aquele de nos estranharmos nessa história. “Ora, mas Macabéa nem existe de verdade, ela é efeito de uma escrita, e embora Clarice Lispector tenha dito em entrevista que se inspirou numa pessoa que viu na rua, Macabéa não é a pessoa que a Clarice Lispector viu, ela é fruto da inspiração de sua criadora... E estamos aqui envolvidos com uma moça que nem moça é... É personagem de ficção”. Mas há um poeta, Olavo Bilac, que descreve bem melhor do que nós isso que nos move.

Via Láctea (trecho XIII)

Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálido aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora! “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

(BILAC, 1995)

E estamos acompanhados também de um narrador que parece responder aos nossos estranhamentos, e ainda nos pedindo mais:

Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial. (LISPECTOR, 1998, p.12)

Freud já se dizia incapaz de compreender completamente esse poder da literatura sobre nós, supõe que a obra é capaz de suspender o recalque que nos impossibilitaria de alguns encontros com nós mesmos, mas, conforme vimos na introdução, ele diz que permanece algo enigmático. De fato, não há como compreender como a arte literária é capaz de tanto. Aqui não ousamos sequer tentar essa compreensão. Mas uma vez envolvidos, resta-nos trabalhar. Chegar à beira, ao litoral, e com Macabéa, deparar-se com o impossível, não tem sido tarefa fácil. Impossível se torna, por exemplo, ler Macabéa sem ler Rodrigo, até porque ele a faz letra. E tão estreito que é este litoral. Às voltas do fio de uma trama, costura-se, não sem cortes, não sem furo, não sem buraco. Costura-se o quê? Neste trabalho acadêmico, um texto.

Tempos depois de nossa escolha teórica, tivemos uma surpresa. Segundo Chauí:

A palavra desejo tem bela origem. Deriva-se do verbo *desidero* que, por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado no plural, *sidera*), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é, as constelações. Porque se diz dos astros, *sidera* é empregado como palavra de louvor – a alto – e, na teologia astral ou astrologia, é usado para indicar a influência dos astros sobre o destino humano, donde *sideratus*, siderado: atingido ou fulminado por um astro. De *sidera*, vem *considerare* – examinar com cuidado, respeito e veneração – e *desiderare* – cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros). (CHAUÍ, 1990, p. 22)

Vejamos. Em *A Hora da Estrela*, a palavra *desejo* aparece mesmo antes de Macabéa, e por ela. Já na primeira página, o narrador Rodrigo S.M., inventado apenas para falar da moça, avisa: "Meu coração esvaziou-se de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar" (LISPECTOR, 1998, p. 11). Ele se anuncia como personagem da própria história, "um dos mais importantes deles, é claro" (LISPECTOR, 1998, p. 13) e justifica sua existência quando diz que para contar sobre a nordestina, só mesmo um narrador homem porque mulher lacrimaria piegas. Rodrigo S.M. existe para o relato frio a que se propõe. Ele entrega ao seu esforço de narrar um tom de necessidade porque só existe para,

afinal, falar de Macabéa. Até tenta que seja com a frieza proposta, mas quase nunca a consegue na medida em que não se impede de entrar na história. “Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite” (LISPECTOR, 1998, p. 18) revela destemido numa página. E anuncia na página seguinte:

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama. (LISPECTOR, 1998, p. 19)

Rodrigo S.M. coloca para si a tal responsabilidade: “É minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (LISPECTOR, p. 13, 1998). Explica que a moça de quem ele falará não faz falta a ninguém, e que ele também não faz a menor falta. Conta que ao contrário de muitas outras nordestinas, aquela não pode vender o corpo em troca de um pão com mortadela porque ela mal tem corpo para vender. “Ninguém a quer, ela é virgem e inócua” (LISPECTOR, p. 14, 1998).

Ele se diz um carpinteiro das palavras, glorifica a própria simplicidade e avisa que tem muito trabalho para atingi-la. Podemos sentir, aos poucos, que cada escolha de palavras foi calculada milimetricamente, tratando-se mesmo de um serviço de carpintaria dentre letras. Ele confessa ter a tentação de utilizar “adjetivos esplendorosos”, mas não o faz. E não o faz porque Macabéa não pode ser esplendorosa. Ela nos parece ser o contrário.

Quando escolhe, portanto, a palavra inócua ao lado da palavra virgem para dizer que ninguém quer Macabéa, é isso mesmo que ele está dizendo. Em certo momento da narrativa, ele diz que a personagem não desperta desejo sequer ao ponto de ganhar a vida pelo próprio corpo. Em nossa leitura, imaginamos que por seus pudores, ainda que fosse letra enfeitada, corpo farto, Macabéa não indica que o faria. Em momento algum revela que se interessaria em vender o corpo. O próprio narrador confirma nossa leitura quando, ao nos contar que a tia tentava evitar que Macabéa viesse a se tornar uma puta, comunica: “Embora a menina não tivesse dado mostras de no futuro vir a ser vagabunda de rua” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Mas, em relação à ideia de que Macabéa não ganha a vida pelo próprio corpo,

lemos também que, de fato, não ganha. Foi preciso um outro corpo para falar dela. Se Rodrigo S.M. não se sustenta sem que seja para trazer a existência de Macabéa, ela também só existe para o livro porque o narrador a traz. Por si mesma, Macabéa não se narra.

A existência do desejo não se faz sem perda, sem falta, como já vimos, e como muito brilhantemente brinca Lacan com as palavras (2016, p. 362) ao se referir ao desejo em Hamlet: “Não se fazem Hamlets sem quebrar ovos”. Bom, Macabéa é uma personagem a quem muito falta: óvulos dignos, por exemplo.

E lhe falta corpo, voz, pai e mãe.

Já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dirse-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo mas ela me foge por entre os dedos. (LISPECTOR, 1998, p. 29)

Faltava-lhe também, como já vimos, “O jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que vinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim”. (LISPECTOR, 1998, p. 25). A cidade toda está contra Macabéa, Rodrigo S.M. conta. A cidade foi feita contra ela. No entanto, o paradoxo se coloca: ela é insistente, embora por vezes resignada. Queria viver, ainda assim. “Existir não é lógico”, avisa o narrador.

Quase toda a narrativa a lança para a morte. Mas, para além dela, há um resto. Por isso quase, e não toda. Já estamos vendo que embora Macabéa quisesse comprar o buraco, seria impossível comprá-lo. Pela impossibilidade de possui-lo, fica a sua margem. Com Lacan, e agora consideramos pertinente retomar a citação antes colocada no trabalho, já lemos que a tensão última do sujeito é:

[...] Aquela que é o resto, aquela que é o resíduo, aquela que está à margem de todas as demandas e que nenhuma dessas demandas pode esgotar. Este algo está destinado enquanto tal a representar uma falta, a representá-la como uma tensão real do sujeito. Isto é, se me permitem, o âmago da função do objeto no desejo. (LACAN, 2016, p. 399-400)

Macabéa nos parece ser resto, resíduo, aquela que está à margem de todas as demandas e que nenhuma dessas demandas pode esgotar. Parece que ela representa uma falta, a representá-la como uma tensão real do sujeito.

Para começar, Rodrigo cria expectativas no leitor e diz que há tambores de fundo. Ele anuncia: "Esqueci de dizer que tudo o que estou agora escrevendo é acompanhado pelo rufar enfático de um tambor batido por um soldado". (LISPECTOR, 1998, p. 22). Mas antes de adentrarmos mais na história, consideramos que cabe pensar sobre os títulos do livro: *A culpa é minha; A Hora da Estrela; Ela que se arranje; O direito ao grito; Quanto ao futuro; Lamento de um blue; Ela não sabe gritar; Uma sensação de perda; Assovio no vento escuro; Eu não posso fazer nada; Registro dos fatos antecedentes; História Lacrimogênia de Cordel; Saída discreta pela porta dos fundos*.

Os títulos do livro se anulam e se complementam. *A culpa é minha* se anula por *Eu não posso fazer nada*. *O direito ao grito* se anula por *Ela não sabe gritar*. *A Hora da Estrela* se anula por *Saída discreta pela porta dos fundos*.

Restam: *Ela que se arranje; Quanto ao futuro; Lamento de um Blue; Assovio do vento no escuro; Registro de fatos antecedentes e História Lacrimogênica de cordel*.

Ela que se arranje complementa *Quanto ao futuro*. A ideia posta pelo narrador de que o livro é uma pergunta. O livro é uma pergunta, diz o narrador. A pergunta poderia ser sobre o futuro, mas *ela que se arranje* não responde. *O direito ao grito* poderia responder sobre o futuro, mas também não o faz. Macabéa não grita porque *ela não sabe gritar*.

Rodrigo diz que Macabéa é virgem e inócua. Não sabe do próprio direito ao grito como também não sabe escrever a palavra designar. Desse modo, para o personagem-escritor, Macabéa não grita e não designa nada.

Nos títulos, o vazio aparece em *Lamento de um blue, Uma sensação de perda e Assovio no vento escuro*. Blue quer dizer tristeza, e blue não combina com a personagem heroína que ouve informação e hora na rádio relógio. Macabéa talvez combine um pouco com sua *história Lacrimogênica de Cordel*.

Blue seria tristeza, Cordel seria rimado e nordestino. Macabéa não é o que se pode chamar de uma pessoa triste e sua história, embora nordestina, não é rimada. O que sobra é *Registro dos fatos antecedentes*, um título frio e próximo do que o autor diz que se propõe.

Os títulos se contradizem como a narrativa em si o faz. Ainda que o narrador afirme que melhor um homem para revelar a história porque mulher lacrimeja piegas, depois nos avisa que precisa estar em farrapos para falar sobre a moça e se ver próximo a ela. Ainda que por sob grossuras de farrapos, a história concede à capa o seu fino título: *A Hora da Estrela*.

Virgem, datilógrafa e gosta de Coca-Cola.

Seus sons ao espelho eram: “eu sou, eu sou, eu sou”. Em *O desejo e sua interpretação*, Lacan cita Espinosa: “O desejo é a própria essência do homem” (LACAN, 2016, p. 16). E se estava com Hamlet, entre “ser ou não ser, eis a questão”, afirmava o psicanalista: “No desejo, com efeito, exprime-se o ser do sujeito no ponto de sua perda, na medida em que, como vimos, a partir de certo momento o sujeito já não pode se apreender no desejo, ele já não é, ele falta-a-ser” (LACAN, 2016, p. 460-461).

Macabéa não sabia que não podia se apreender, e então repetia que era, que era, que era. A novela é breve. Mas Macabéa demora. É lenta. Seu tempo é outro, sua hora parece não combinar com a hora do mundo. Ela precisava repetir que ela era ela. Talvez para acreditar. Mas assim como não podia ter acesso ao buraco, ficava também difícil ter acesso à certeza de seu ser. Com Lacan, já vemos que a dificuldade da personagem não é sem razão. Para ele, o sujeito estará sempre a uma certa distância de seu ser. A única via de alcance seria pela metonímia do ser no sujeito, ou seja, justamente pelo desejo (LACAN, 2016, p. 32). Nos escritos, com relação ao emprego que ele faz da metonímia, avisa que ela:

[...] é o efeito possibilitado por não haver nenhuma significação que não remeta a outra significação, e no qual se produz o denominador mais comum entre elas, ou seja, o pouco de sentido (comumente confundido com o insignificante), o pouco de sentido, digo eu, que se revela no fundamento do desejo. (LACAN, 1998, p. 628-629)

Para exemplificar, retornamos com Lacan ao caviar da história da paciente de Freud. Quando o desejo se expressa como desejo insatisfeito, ele o faz pela via daquele significante, naquele caso, o caviar. É o caviar que registra que, uma vez que a mulher peça: “não me dê o caviar”, faz-se assim uma inacessibilidade. Ou seja, porque não há significação que “não remeta a outra significação”, o significante caviar desliza como desejo. O que seria a metonímia? O desejo de caviar. Ali é que

então o sujeito tem a chance de se aproximar de seu ser: “sou aquela que deseja caviar”. Esse pouco de sentido que nem por isso é insignificante. Ele fundamenta o desejo.

E Macabéa sabia o que era:

Ela sabia o que era o desejo — embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar. (LISPECTOR, 1998, p. 45)

Não é a falta a condição para o desejo? Se já vimos o desejo como diferente da necessidade (e, portanto, insatisfeito, fome que a comida não resolve), vimos também que o desejo resultaria da subtração da satisfação à demanda. Isso que resta, enfim. O resíduo final daquilo que não se deu conta de suprir, fazendo então a falta. “O próprio fenômeno de sua fenda” (LACAN, 1998, p. 698).

O que é *A Hora da Estrela* senão, na falta de Macabéa, a fenda através da qual ela se inaugura? Em *O desejo e sua interpretação*, Lacan também se ocupa das estrelas:

Como explicar de outro modo a presença, na origem da experiência cultural, desse interesse pelo objeto efetivamente menos interessante que existe para o que quer que seja de vital, ou seja, as estrelas? Se a cultura e a posição do sujeito no terreno do desejo — desde que esse desejo se instaure — instituem-se profundamente na estrutura simbólica como tal, o interesse pelas estrelas explica-se pelo fato de que, de toda a realidade, elas são o mais puramente real que existe. (LACAN, 2016, p. 513)

Macabéa, próxima do real, dizia-se impossível. Parecia às vezes que ela não existia. Entretanto, sem ela, não há novela. É uma estrela. Palavra da qual o desejo se origina.

Deixando de ver os astros, porém, *desiderium* significa uma perda, privação do saber sobre o destino, queda na roda da fortuna incerta. O desejo chama-se, então, carência, vazio que tende para fora de si em busca de preenchimento, aquilo que os gregos chamavam *hormê*. Essa ambiguidade do desejo, que pode ser decisão ou carência, transparece quando consultamos dicionários vernáculos, onde se sucedem os sentidos de desejar: querer, ter vontade, ambicionar, apetecer, ansiar, anelar, aspirar, cobiçar, atração sexual. A oscilação dos significados aparece na diferença sutil de duas palavras, em português: desejante e desejoso/desejosa. (CHAUÍ, 1990, p. 22)

Ao nosso olhar, Macabéa apresenta para Rodrigo as duas faces do desejo colocadas por Chauí. Ela tanto é uma personagem cuja história o autor quer contar

quanto personagem que incomoda por sua falta quando dele escapa. O desejo de Rodrigo por Macabéa talvez seja ao mesmo tempo falta e destino.

Entre ser ou não ser, quando Macabéa acordava, não sabia mais quem era. Apenas depois pensava satisfeita: “sou datilógrafa e virgem, e gosto de Coca-Cola”.

Antes de qualquer história, Rodrigo também avisa que o registro vai ser patrocinado pelo refrigerante mais popular do mundo. Trata-se da Coca-Cola. A garrafa de Coca-Cola tem um formato curvo, o líquido preto inspirou também o poeta Décio Pignatari. Poesia essa que nossa leitura de Macabéa, amante de coca, e considerada dejeito, fez-nos lembrar:

Figura 2. Poema “Beba Coca-Cola” do artista Décio Pignatari (1957).



Fonte: <http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/w/wp-content/uploads/2012/04/beba-coca-cola.jpg>

Assim como Macabéa, além de café, só bebe Coca-Cola, seu narrador quer que nos embebamos da alagoana, repetimos o trecho outrora citado. “[...] Se houver algum leitor para essa história quero que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 39). O poema de Décio Pignatari termina (ou começa, depende de como o leitor assume sua leitura) com a palavra cloaca. No Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, encontramos que a origem de cloaca está no latim, e tanto se refere a esgoto quanto a ventre. Significa lugar das dejeções, sim, lugar imundo. Mas, para a zoologia, seu significado tanto faz referência ao sistema excretor e digestivo de alguns animais, quanto ao reprodutor. Ao fim e ao começo. As aves, por exemplo, possuem uma única bolsa, a cloaca. A passagem dos espermatozoides para o corpo da fêmea se dá através da

justaposição das cloacas durante a cópula. Pela cloaca se elimina os restos e por ela se põe os ovos, germina-se a vida.

Sobre o líquido estimulante e preferido de nossa moça, lemos ainda:

Refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás foi ele quem patrocinou o último terremoto em Guatemala. Apesar de ter gosto do cheiro de esmalte de unhas, de sabão Aristolino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque – e vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo – porque essa bebida que tem coca é hoje. (LISPECTOR, 1998, p. 23)

Com Lacan (1998, p. 512), já vimos que a natureza do objeto do desejo é ser um resíduo, um resto. Macabéa se faz resto e tudo de ordinário: datilógrafa, virgem e gosta de Coca-Cola. Macabéa mal tem corpo para vender. Ao passo que para Rodrigo S.M. a Coca-Cola tem gosto de cheiro de esmalte. Ele diz que escreve porque não suporta mais a rotina de ser ele mesmo "e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias" (LISPECTOR, 1998, p. 21).

Sair de si se manifesta também em formato de Coca-Cola: curvo como cintura de mulher, adorável, viciante. "Um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente" (LISPECTOR, 1998, p. 23) destaca o personagem-escritor, ele que diz ter em comum com Macabéa o fato de ambos só viverem o presente.

Ela é oca, gosta de coca, é inócua. Gosta de um refrigerante estimulante. Com todo estímulo, permanece virgem. Em momento algum passa a fazer falta para qualquer pessoa. Mas faz falta para o narrador. Ele diz sentir falta dela e diz que ela não faz falta a ninguém. Símbolo do consumo e da globalização, a Coca-Cola introduz Macabéa na história. Ao nosso olhar, a heroína corrói seu narrador como a coca, para ele, corrói a Guatemala.

Prestou de repente um pouco de atenção para si mesma. O que estava acontecendo era um surdo terremoto? Tinha-se aberto em fendas a terra de Alagoas. Fixava, só por fixar, o capim. Capim na Grande Cidade do Rio de Janeiro. À toa. (LISPECTOR, 1998, p. 81)

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? [...] (LISPECTOR, 1998, p. 26)

Assim como Rodrigo S.M. na violência de seu desejo, Lacan também nos lembra de que:

Na experiência, o desejo se apresenta primeiro como perturbação. Ele perturba a percepção do objeto. Como nos mostram as maldições dos poetas e dos moralistas, esse objeto, ele o degrada, desorganiza, avilta, em todo caso abala, chegando às vezes a dissolver aquele que o percebe, ou seja, o sujeito. (LACAN, 2016, p. 385)

Lacan considera cego o caráter do desejo e chega a afirmar que “o desejo se apresenta como o tormento do homem” (LACAN, 2016, p. 385). Às vezes sentimos que a história de Macabéa existe para fazer algo com o fato de que ela quer comprar um buraco. Essa imagem nos chega como tormento e por isso pensamos que não há outro modo senão contorná-la, escrevendo, inventando.

O próprio autor anuncia que sentir é um fato, e talvez seja essa a linha que substitui a frieza colocada como objetivo a princípio. “Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio” (LISPECTOR, 1998, p. 13).

A piedade existe, como existe culpa, e a história da história faz parte da narrativa que se encerra nela mesma. *A Hora da Estrela* nos parece um relato sobre o relato. Na dedicatória, intitulada “Dedicatória do autor (Na verdade Clarice Lispector)”, já recebemos a informação de que a história se passa em estado de emergência e de calamidade pública.

Rodrigo não apenas dedica o livro, chamado de “essa coisa aí”, mas ele mesmo, a tudo que lhe é mais caro.

Pois dedico esta coisa aí ao antigo Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos, aí de nós. Dedico-me à cor rubra e escarlate como o meu sangue de homem em plena idade e portanto dedico-me a meu sangue. Dedico-me sobretudo aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida. Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta. Dedico-me à tempestade de Beethoven. À vibração das cores neutras de Bach. A Chopin que me amolece os ossos. A Stravinsky que me espantou e com quem voei em fogo. À “Morte e Transfiguração”, em que Richard Strauss me revela um destino? Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós pois não ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar

para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditar não precisa ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever: E – e não esquecer que a estrutura do átomo não é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Não se pode dar uma prova de existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar: acreditar chorando. Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta resposta. Resposta esta que alguém no mundo ma dê. Vós? É uma história em technicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos. (LISPECTOR, 1998, s/p)

O que lemos é que, desde o princípio, não há frieza. Mas o fim da novela, de fato, exige que haja. O sangue frio se faz condição para o desfecho, quando, finalmente, há que fazer a morte acontecer e há que se descobrir a própria mortalidade. Foi preciso sangue vivo para depois torná-lo frio? Ainda no início, ele comenta:

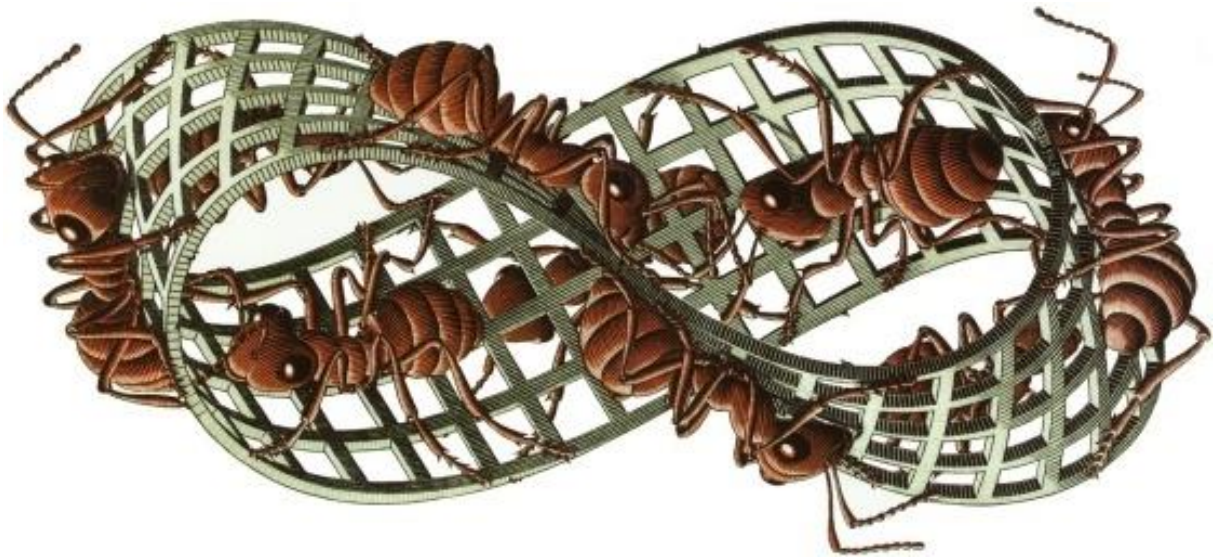
Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. (LISPECTOR, 1998, p. 12)

Mas, apesar da aridez, lemos na última página: "Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.", coloca o personagem-escritor depois do duro esforço das letras derradeiras, esmorecendo com o "Sim" final, que nos retorna ao "Sim" que deu início à história: "Tudo na vida começou com um sim".

Esse movimento que faz a ida e volta costurando a novela nela mesma muito nos leva a uma figura topológica cara ao ensino lacaniano, a Banda de Möebius. Trazemos para o nosso trabalho a gravura "Fita de Möebius II" criada pelo artista holandês Maurits Cornelis Escher em 1963. De acordo com Mariguela (2016) a figura foi inspirada no objeto topológico criado no ano de 1858 pelo alemão August Ferdinand Möebius, matemático e... Olha: astrônomo! Não é que o inventor da banda de Möebius também se interessava pelas estrelas?

Mariguela conta que "Escher reproduziu a banda (também chamada de fita ou laço) numa estrutura espacial de superfície infinita incluindo formigas para figurar a impossibilidade de representar o dentro e fora como espaços antagônicos" (MARIGUELA, 2016).

Figura 3. Ilustração da Fita de Möebius II, criada por Escher (1963).



Fonte: <https://horizontesafins.files.wordpress.com/2016/04/moebius-ants.jpg?w=676>

Lacan, em seu seminário *A Angústia*, diz que “O inseto que passeia na banda de Möebius, caso tenha a representação do que é uma superfície, pode acreditar, a todo instante, que existe uma superfície que ele não explorou, a que está sempre no avesso daquela em que ele passeia” (LACAN, 2005, p. 152). Através da topologia o psicanalista francês se sustentou para nos transmitir caras noções de seu ensino. Aqui não podemos nos aprofundar nelas, mas consideramos interessante perceber a bidimensionalidade que Lacan, através da banda, reafirma, apontando para uma complexidade importante no que diz respeito ao aparelho psíquico. Através da figura topológica, como localizar o que seria dentro ou o que seria fora? Superior ou inferior? Começo ou fim?

A banda de Möebius é uma superfície unilátera, com uma face e uma borda, sendo preciso dar-se duas voltas para chegar ao mesmo lugar em decorrência da semi-torção que se opera na fita retangular de origem. Ela trata da relação do significado e do significante que não cessam de deslizar pelo percurso da fita ou banda. Pode-se tomar a demanda como a torção da banda de Möebius e em relação a ela localiza-se o seu mais além – a necessidade – e seu mais além – o desejo. (IGLESIAS, 1996)

De tal modo que em seu mais além, aprendemos com Lacan que a banda se constitui no espaço do desejo, espaço em que, por seu vazio, por seu encontro com o impossível (onde começa e onde termina?), acaba por voltar ao mesmo lugar. Tal como a novela última de Clarice Lispector. “Sim”.

Mariguela (2016) adverte: “não é sem razão o ditado: ‘fulano está com formiga no corpo’. O desejo causa uma inquietação: não deixando ninguém à vontade”. Vemos Rodrigo S.M. profundamente inquieto com Macabéa. Vemos a nordestina com seu sexo que, segundo o narrador, exigia. “Até no capim vagabundo há o desejo de sol”. O narrador é personagem criado para ser autor e se autodesigna mais ator antes que a história em si comece. “Na verdade sou mais ator porque, com apenas um modo de pontuar, faço malabarismos de entonação, obrigo o respirar alheio a me acompanhar o texto” (LISPECTOR, 1998, p. 23). Inquietos, portanto, ficam também os olhos de quem lê.

Macabéa com seu rosto que para Rodrigo lembrava um “esgar de desejo”, entra na própria história de repente. Ele informa que começa pelo meio e que ela era incompetente para a vida. Ele a chama de incompetente antes de descobrir seu nome. Se só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma, talvez não fosse tão incompetente assim. Estamos vendo que é no vazio, através da falta, que se dá conta, mesmo que vagamente, da existência do desejo.

Quanto ao amor, o primeiro amor que aparece em Macabéa é o sentimento escondido pelo chefe. Sequer sabemos o nome da nordestina ainda. Para o narrador, a sua cara pede tapa, e o chefe é bruto. O chefe, Raimundo da Silveira, demite Macabéa com brutalidade porque ela erra demais e suja o papel. Depois tem alguma piedade. Até então chamada apenas de moça ou de nordestina, ama o chefe e acha que deve responder qualquer coisa por respeito. “Quanto à moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosa a seu escondidamente amado chefe: – Me desculpe o aborrecimento” (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Rodrigo não se detém no amor de Macabéa pelo chefe, continua a narrativa com a moça se olhando no espelho sem ver nada, como se tivesse sumido de sua existência física. Ela ama escondido e é falta enquanto ama. Ao seu amor pelo chefe, a narrativa não dá mais que uma palavra. O desenvolvimento desse amor não acontece. É um sussurro no meio de um começo de história. O narrador prefere gastar mais linhas dizendo que a moça não tinha. Ela evapora das mãos dele.

Incompetente, amando escondido, que coisa... As primeiras coisas que se sabe sobre Macabéa não são favoráveis a ela. A cidade já está contra, o narrador não ajuda em nada e fica atordoado. Ele perde mais tempo em se justificar do que descobrir que a nordestina tem um nome. "Ela que se arranje", diz um dos títulos.

Macabéa nasce para morrer e tem até um narrador feito para que ela exista contra ela. Ele manifesta a vontade de bater na cara dela e de não falar dela. "Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?" (LISPECTOR, 1998, p. 25). Entretanto, reconhece uma causa. "É minha obrigação...".

A moça também é descrita como curva e pálida e alguém que não sabe sobre a própria infelicidade. Rodrigo diz não acreditar em felicidade, que fora coisa inventada por alguma moça nordestina.

Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto. Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim: "Que é que você me pede chorando que eu não lhe dê cantando"? Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que ela queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. (LISPECTOR, 1998, p. 16)

Macabéa têm estados de graça. O querer do autor de que Macabéa reaja não é partilhado pela personagem, que em princípio está bem como está. Para ele, ela é doce e obediente. Mas, se lhe escapa, cabe a pergunta: será?

Quem se incomoda e quer uma mudança para a vida dela não é a personagem, mas quem relata a trama. O narrador quer que a vida de Macabéa mude. Mas não é isso que parece desejar. Já vimos que a necessidade a que se dispõe um querer não se trata exatamente de um desejo.

Percebemos nossa heroína indo contra ao mundo que está contra ela. Ela realmente escapa. Macabéa sente, e sentir é um fato. Ela sente esperança, por exemplo. Rodrigo também.

Há um momento em que ele diz: "Até o fim talvez o deslumbre, ainda não sei, mas tenho esperança" (LISPECTOR, 1998, p. 39). E há outros em que descreve o sentimento da nordestina: "Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais

sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho” (LISPECTOR, 1998, p. 79).

Macabéa é privada de seus prazeres de menina. A tia sente prazer sexual em bater na menina, e a deixa de castigo sem goiabada com queijo, sua paixão. Uma vez sentiu inesperada e inexplicável felicidade ao ver, do cais do porto, um arco-íris. Diante do êxtase, quis logo outro: ver fogos de artifício. Mas seu narrador achou que isso não era de seu direito. “Ela quis mais porque uma verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mais sem direito algum, pois não é?” (LISPECTOR, 1998, p. 35).

A nordestina tem desejo e êxtase apesar do narrador tentar privá-la em alguns momentos. Acreditava ser feliz. Então era. Afinal, não há decretos que designem o que quer que seja a felicidade. Se ficava em estado de graça, sem se preocupar com o objetivo desse fim, lembra-nos de quando Lacan (1998, p. 17) cita Lalande: “Em todo caso, o desejo parece-nos ser essencialmente o desejo de um ato ou de um estado sem que nele haja necessariamente a representação da característica afetiva desse fim”.

Rodrigo S.M. comunica por várias vezes que não podia fazer nada por ela. Contudo, se ele tivesse real poder, talvez o fizesse. Só que ele não tinha. O desamparo é de todos e se é possível falar de desejo na leitura da obra é porque a obra não se faz sem desamparo. Diante do não saber, do buraco impossível, do que não é dentro nem fora, da experimentação do espaço vazio, pode-se apostar no que resta. O resto já tem se revelado, para o nosso trabalho, cada vez mais promissor.

Ele se ocupa de julgá-la e de louvar sua neurose. “Pelo menos isso: muletas” (LISPECTOR, 1998, p. 34). Ao mesmo tempo em que reclama do próprio destino, dizendo que escrever lhe estraga a vida e que mais vale um cachorro vivo do que escrever.

Rodrigo se coloca em Macabéa na medida em que a história vai ganhando contorno. (Há que se contornar o buraco, melhor assim). Rodrigo avisa que eles são diferentes, reclama que ela é oca, mas ele também fica oco dela. Ele escreve em estado de calamidade. Algumas vezes se preocupa em diminuir os sentimentos dela, e diz que ela não floresce, que só sabe as coisas por instinto. E em outro

momento diz que ela tinha em si uma flor fresca. É ele o mesmo narrador que diz que sentir é um fato.

A figura de um cachorro aparece comparada a Macabéa em princípio porque o cachorro de Rodrigo S.M. tem mais comida do que ela. Depois porque ela sabe não saber tanto quanto um cachorro sabe abanar o rabo. Por fim, o autor denuncia um desejo que Macabéa sente e também lhe foi privado: o de ter um bicho.

Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter um bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão. Do contato com a tia ficara-lhe a cabeça baixa. Mas a sua beatice não lhe pegara: morta a tia, ela nunca mais fora a uma igreja porque não sentia nada e as divindades lhe eram estranhas. (LISPECTOR, 1998, p. 29)

À Macabéa quase nada é autorizado. Sequer a vida. Ela queria viver, mas se anuncia logo no começo que ela morreria como se tivesse estudado a representação do papel de estrela. E ponto final. A morte seria *A Hora da Estrela* de Macabéa determinada pelo hora de seu narrador.

Seria e é, pode ser, é possível essa leitura que o narrador nos pede. Mas apostamos numa outra, que ele também nos possibilita, que se orienta mais no desejo que a nordestina nos revela em movimento do que no que revelaram para ela. Será que *A Hora da Estrela* seria apenas em sua hora derradeira? Macabéa não se cansa de nos dizer de sua insistência. “Eu sou, eu sou, eu sou”. E nós a estamos reconhecemos. Ela dançava, ela gostava de Coca-Cola, ela ia se encontrar com Olímpico, ela sentia felicidade, ela acreditava, ela se apaixonava. Macabéa sonhava com sexo.

O outro desejo da moça é o de comer coxa de vaca. Ainda sem termos notícia de seu nome, Macabéa curava o desejo por carne comendo papel bem mastigadinho. Papel não é carne. Na falta de coxa de vaca, Macabéa come e mastiga papel imaginando estar comendo coxa de vaca. O desejo leva a protagonista a realizar-se como pode. O narrador pergunta: “Por que ela não reage?”. Mas vemos que ela reage. Apenas não o faz do jeito que ele espera. Ela, de novo, escapa. Pois não é ela que se arranje? Então.

Ele reclama que Macabéa lhe escapa. Ela lhe escapa porque talvez não sente necessidade de permanecer. Ela não parece estar muito disposta a corresponder às

expectativas de um desejo que não é o dela. Ao narrador, portanto, muitas vezes cabe apenas narrar os fatos. À Macabéia, bom, sentia inexplicável felicidade com o arco-íris... Se ela é escrita do autor, se ela é letra, desliza, tal como já vimos que acontece. Quando ele tenta possuí-la, ele a perde. Se até para Macabéia, tão próxima do buraco, existe o impossível, imagina para Rodrigo. Ele mesmo a faz lixo. Da letra ao lixo. Como ela não vai escapar se nada lhe resta senão isso? Aí ela vai ver o arco-íris. Que é justo esse fenômeno óptico e meteorológico que, separando a luz do sol, reflete o brilho solar sobre as gotas de chuva. Macabéia só sabia chover, diz o narrador.

Próximo interesse de Macabéia: não ser privada de si mesma. Defendia-se da morte vivendo de menos. Ela entendia que se sentisse um gosto bom de viver se transformaria num bicho rasteiro. A informação precede o fim da história, como se a personagem fosse vidente dela mesma antes de sequer ter um nome. Ela morre quando descobre que há futuro. A cartomante anunciou o futuro. Mas será que seu viver de menos era mesmo pouca coisa?

Macabéia é virgem e não acredita em Deus. A tia era muito religiosa, mas a moça não. De modo que não, não acreditava em Deus porque não o conhecia. Tendo abandonado a igreja por descrença, não tem motivos de rezar. No entanto, ela sonha com sexo e, por via das dúvidas, sente-se culpada. Culpa pela qual paga uma penitência religiosa: três ave-marias. Mas, mecanicamente. A virgem e descrente Macabéia reza três vezes para outra virgem rogar por ela na hora da morte amém. Três améns. A oração não parece ter sido escolhida ao acaso, pois é exatamente o que cabe na história.

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por que, talvez porque o que é bom deveria ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia. (LISPECTOR, 1998, p. 34)

Rodrigo S.M. comunicara que ela não tinha para quem rezar, desconsiderando a Virgem Maria, para quem ela rezava mecanicamente por via das dúvidas. Cabe observar o que diz a oração:

Ave Maria cheia de graça

O senhor é convosco
 Bendita sois vós
 Entre as mulheres
 Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
 Santa Maria, mãe de Deus,
 Rogai por nós pecadores
 Agora e na hora de nossa morte,
 Amém!.

A Ave Maria é a oração mais curta do terço católico e, entre as três mais conhecidas (Credo, Pai Nosso e Ave Maria), a única que fala da hora da morte. O Pai Nosso pede pão e perdão. O Credo declara crença divina, que Macabéia não tem.

A protagonista, ao pensar em sexo, reza três vezes para uma virgem cuidar dela na hora da morte. Ela se esforça ainda para sentir culpa porque o que é bom deve ser proibido. Proibido pela tia, proibido por Rodrigo S.M., proibido pelo chefe, proibido por Olímpico, proibido, proibido, proibido. Seus sonhos em sexo são coerentes com uma existência de um desejo desconhecido e sussurrado. Parece ser assim porque lhe fora proibido desejar. Mas aqui é de nossa responsabilidade lembrar que ela se autoriza, por exemplo, sonhar com sexo. E desde Freud aprendemos que o sonho é a realização de um desejo. Tal como também aprendemos que a força do desejo não se aquieta.

Em *A Interpretação dos sonhos*, Freud nos escreve que os desejos de nosso inconsciente, “sempre em estado de alerta” e, assim, “imortais”, fazem com que ele se lembre dos legendários Titãs: “esmagados desde os tempos primordiais pelo peso maciço das montanhas que um dia foram arremessadas sobre eles pelos deuses vitoriosos e que ainda são abaladas de tempos em tempos pela convulsão de seus membros” (FREUD, 1996d, p. 583).

Indestrutível, não há montanha que anule a sua insistência. Mais parece que a força contrária a ele cumpriria assim o avesso do que se propõe: uma convulsão, afinal, o que é senão resposta do aumento de uma atividade elétrica? Senão um movimento que não se pretende fraco?

Macabéa aprendeu de pequena a se castigar ao sentir prazer. Prazer de sonho, prazer de comer queijo com goiabada, prazer de sentir uma alegria muito grande de viver que poderia deixá-la rastejando. Deste modo, e porque bem podemos ser as formiguinhas daquela banda, há algo para além de começo ou fim, dentro ou fora, sim ou não: ela se acreditava feliz, mas achava bom ficar triste. "Vez ou outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de joias e roupas acetinadas - só para se mortificar um pouco" (LISPECTOR, 1998, p. 35). O desejo de se mortificar um pouco surge em Macabéa (que por tempo considerável continua sem ter um nome descoberto) com a falta de se encontrar consigo mesma. Para Macabéa, sofrer um pouco é um encontro que pode ter consigo.

Acorda cedo no domingo para ficar mais tempo sem fazer nada. Ao mesmo tempo, sente-se infeliz no vazio seco. O prazer de encontrar-se consigo se contrapõe ao vazio seco de domingo que ela mesma provoca acordando cedo para ficar sem fazer nada. Macabéa tem seu desejo pela vida colocado e contraposto ao desejo pela morte que seu narrador revela. Mas que ela mesma também o faz. Ela ou ele? Dentro ou fora? Rodrigo se confunde em Macabéa. "Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos" (LISPECTOR, 1998, p. 22). Se em determinado momento diz que queria ter o que tivesse sido e não foi, avisa em momento outro que a nordestina sente saudade do que poderia ter sido e não foi. Esse caráter fugidio do desejo, essa busca por satisfação original numa cena outra, já vimos que é justamente o modo que Freud encontra de descrever o desejo como uma moção psíquica. Que busca, repetimos: "recatexizar a imagem mnêmica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, reestabelecer a situação de satisfação original" (FREUD, 1996d, p. 595).

Ela quer voltar a um estado inorgânico de nada fazer e, na opinião de seu narrador, quer levar uma vida rala para não correr o risco de morrer, mas ela não acredita que possa morrer e se chega a sentir inexplicável felicidade talvez não aponte que sua vida seja rala.

Voltemos ao domingo que é o melhor e pior dia de Macabéa. Certa culpa do narrador aparece após o pior momento da nordestina, em que ela sente um vazio seco e suspira tendo saudade de sua infância. "Afianço-vos que se eu pudesse

melhoraria as coisas. Eu bem sei que dizer que a datilógrafa tem o corpo cariado é um dizer de brutalidade pior que qualquer palavrão" (LISPECTOR, 1998, p. 35). Mas ele diz a brutalidade pior do que qualquer palavrão. Ele escreve e no momento seguinte comunica que mais vale um cachorro vivo do que escrever.

Macabéa não pode se desesperar, mas ele pode gritar para sair de si mesmo enquanto Macabéa está resignada a encontrar-se com ela mesma. Não há direito algum, o personagem-escritor se retrata, mas para ele há o direito ao grito. Ele reconhece seu privilégio, e em certo ponto diz que ninguém da classe de Macabéa vai ler o livro porque isso seria perda de tempo. Mas cá estamos nós.

Macabéa não leria a própria história, e só a ouviria se ela tocasse na rádio relógio. Ela sonha com fome de tudo, e quem disse que ela não tem direito vai morrer também porque só nasceu para dar-lhe a vida.

Toda a crueldade do mundo contra Macabéa, da qual ela só se dá conta após um encontro com a cartomante Madama Carlota, é sentida também pelo narrador, conforme ele relata e executa.

Ao negar para a nordestina o prazer de ver fogos de artifício, Rodrigo revela que ela sente um outro prazer. "Devo dizer que ela era doida por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar?" (LISPECTOR, 1998, p. 36). Ela sonha em sexo e se culpa. Ela é doida por soldado e estremece, ela diz para si mesma que é virgem.

E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa, virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. (LISPECTOR, 1998, p. 36)

Macabéa se preocupava com a decência das coisas. Identificava-se como sendo virgem, consumindo o refrigerante mais famoso do mundo e tendo uma profissão. Quando pensou, com profundidade, quem ela era, ficou atordoada.

Identificava-se, ao se perceber acordada, como alguém que nunca fez sexo, e então representava este papel de ser virgem e inócua enquanto se vestia de si mesma. Tinha orgulho de ser virgem e vergonha de se ver nua. Continua sem nome revelado até alguém querer saber.

Ela se espanta com as indecências. Ao ouvir na rádio relógio que o cavalo é o único animal que não cruza com o próprio filho, diz "Isso, moço, é indecência" (LISPECTOR, 1998, p. 37).

Macabéa aprendeu sobre pecado com a tia nordestina que lhe privou o nome dos pais e dava cascudos em sua cabeça. A tia treinou a sobrinha para não virar "vagabunda de rua". O sexo, portanto, e qualquer coisa referente a ele, foi ensinado como pecado à protagonista da história, que continua estremecendo quando pensa em sexo. Ela se priva de possíveis prazeres, como comer, por exemplo. Nunca almoçara ou jantara num restaurante porque "Tinha uma vaga ideia que mulher que entra em restaurante é francesa e desfrutável" (LISPECTOR, 1998, p. 40). A nordestina almoçava de pé para não ser a vagabunda que a tia não quis que ela fosse e rezava três ave-marias toda vez que pensava em sexo. Mas, mecanicamente.

Macabéa não acreditava em Deus, mas acreditava em anjo e em pecado, em culpa e em arrependimento, pois em caso de se arrepender em Cristo ela teria felicidade segundo a rádio relógio.

"Se não houvesse tia e narrador, talvez Macabéa tivesse um corpo para vender em troca de sanduíche com mortadela", poderíamos assim nos enganar. Ocorre que na medida em que nos atentamos para o desejo na personagem, estamos também reconhecendo o seu legítimo lugar na própria vida, papel de estrela em vida. De modo que não podemos afirmar que ela se interessaria a esse ponto, por exemplo, por vender o corpo em troca de um sanduíche com mortadela. Já lemos que o próprio narrador reconhece que a moça não dava sinais disso. O que Macabéa diz gostar, com o próprio corpo, é de cachorro-quente e diz que só às vezes é que come sanduíche com mortadela. Não vemos nas falas da personagem e nas descrições sobre ela nenhum sinal que venha apontar para um desejo que se direcione a ser o que Rodrigo lamenta que ela não é quando diz que ela mal tem corpo para vender. Se vemos com Freud que o desejo é um movimento, uma moção psíquica, buscamos atenção ao que movimenta a personagem. Personagem que o próprio Rodrigo descreve muito bem, tão bem que ele mesmo indica que ela não deseja o que ele lamenta que ela não tem.

Quando Freud elabora a teoria do desejo, a partir da interpretação dos sonhos, e enlaça desejo e memória, quase à maneira de Espinosa, afirma que a ligação mnésica estabelecida com uma certa percepção faz com que procuremos estabelecer a situação primeira da satisfação "E esse movimento chama-se desejo". Indissociavelmente ligado aos traços da memória, o desejo busca realizar-se pela reprodução alucinatória das percepções antigas nas percepções presentes que se tornam, pela via da substituição, sinais precários de sua satisfação. O obscuro objeto do desejo não é, pois, algo real como um objeto natural, mas um sistema de signos que forma o fantasma. Nascido de uma perda irreparável do objeto proibido pela censura (ou pela Lei, instância simbólica), o desejo é a busca indefinidamente repetida dessa perda que não cessa de ser presentificada por outros objetos, sob aspectos aparentemente irreconhecíveis, procurando burlar a censura imposta ao desejante e ao desejado. (CHAUÍ, 1990, p. 24)

Ao mesmo tempo em que não podemos ignorar as consequências da repreensão imposta, não podemos também ignorar a voz da nordestina para além da repreensão. Ela seria mesmo muda? Seu narrador se incomoda porque ela não grita. Uma personagem cuja infância contou com a participação de uma tia perversa, e, ainda assim, autoriza-se não gritar, não parece, para nós, mostrar sinais de incompetência para a vida, como ele afirma. Macabéa fala, até canta. Apenas não grita. Talvez assim resista ao bruto da humanidade. O que nos soa como sinal de extrema competência.

Lacan (2016, p. 18) se pergunta se "O desejo é a realidade psicológica rebelde a toda organização?". O obra final de Clarice tem nos ensinado que sim. Macabéa escapa, insiste, quando mais parece que um sopro a derrubaria, ela levanta a saia pedindo ao namorado que não veja, ela dança pelo quarto, ela pede água fervendo para o seu café e toma tudo se lambendo. Uma força que nos pega de surpresa, que não entendemos muito bem de onde chega, mas que com Freud já lemos como força de um desejo.

Bom, Macabéa se apaixona por coisas que não sabe o que significam, admira a destreza da colega Glória em lidar com palavras difíceis.

Havia coisas que não sabia o que significavam, uma era "efeméride". E não é que seu Raimundo só mandava copiar com sua letra linda a palavra efemérides ou efeméricas? Achava o termo efemírides absolutamente misterioso. Quando o copiava prestava atenção a cada letra. Glória era estenografa e não só ganhava mais como não parecia se atrapalhar com as palavras difíceis das quais o chefe tanto gostava. Enquanto isso a mocinha se apaixonava pela palavra efemérides. (LISPECTOR, 1998, p. 40)

No plural, efemérides, tem por significado "Diário; caderno, livro ou agenda em que os acontecimentos cotidianos são registrados e relacionados [...] Obra que traz a

narração da vida cotidiana de um personagem” (DICIO, 2017a). No singular, efeméride significa: “Fato importante em determinada data; a comemoração desse fato, dessa data”.

Ainda possui um significado que aqui nos torna também apaixonados pela palavra. Para a astronomia, efeméride é uma: “tabela astronômica em que, com intervalos de tempo regulares, se registra a posição relativa de um astro”.

Tal como se apaixonava pelo mistério da palavra, também o fazia pelo mistério do sexo. Ela sentia desejo sexual sem precisar saber o que isso significa. Para além da linguagem, não parece mesmo haver pouco. No impossível de saber, Macabéa sentia prazer. Mas não era sempre que o sentia. Como estamos trazendo, ela se preocupava em poupar a vida, vivendo-a de menos.

No Seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan se atenta para estabelecer uma relação entre desejo e prazer.

Em todo caso, o desejo parece-nos ser essencialmente o desejo de um ato ou de um estado sem que nele haja necessariamente a representação da característica afetiva desse fim. Penso que isso quer dizer “do prazer” ou de alguma outra coisa. Seja como for, certamente não deixa de levantar o problema de saber se o que está em jogo é a representação do prazer ou o prazer. (LACAN, 2016, p. 17-18)

Não estamos trazendo para este trabalho o problema de saber o que está em jogo. Mas o movimento da personagem que, com ou sem prazer, leva-nos a nos autorizar à leitura da obra.

Rodrigo questiona se um dia ela conheceria o adeus do amor e seus desmaios. Repetimos: Macabéa ama escondido. Um dia, contudo, ela sente vontade de ter um homem em casa (vontade que chega sem pensar em pecados ou rezar ave-marias).

Por falar em novidades, a moça um dia viu num botequim um homem tão, tão, tão bonito que – que queria tê-lo em casa. Deveria ser como – como ter uma grande esmeralda-esmeralda-esmeralda num estojo aberto. Intocável. Pela aliança viu que ele era casado. Como casar com-com-com um ser que era para-para-para ser visto, gaguejava ela no seu pensamento. Morreria de vergonha de comer na frente dele porque ele era bonito além do possível equilíbrio de uma pessoa. (LISPECTOR, 1998, p. 41)

Macabéa gagueja três vezes a palavra *tão*, a palavra *esmeralda*, a palavra *com* e a palavra *para*. O número de gaguejadas é igual ao número de ave-marias de seu costume, *amém amém amém*, quando se sente culpada por sonhar em sexo.

As esmeraldas e as vitrines são coisas que a mortificam, como já foi dito. Ela ia para a Zona Sul para ver, apenas ver, o brilho das joias pelas vitrines. O homem que viu como uma grande esmeralda também foi apenas para ser visto. Ela, portanto, ao ver o homem tão bonito que queria ter em casa e não poderia ser casado com ninguém porque era apenas para ser visto, encontra-se com ela mesma.

Macabéa, depois do que viu, sentiu dor nas costelas, quis descansar as costas e disse que iria arrancar um dente. Na novela, vemos que era mentira, ela não iria arrancar o dente. A mentira salvou-a e ela teve solidão e liberdade. Mentira que podemos ler tão próxima da verdade, já que arrancar um dente, essa verdade que todos atravessamos, é perdê-lo. E, uma vez cariado, é salvar-se.

Ocorre que Rodrigo conta que o corpo de Macabéa era também cariado. Como se salvar então? “A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca nossa” (LISPECTOR, 1998, p. 11). Não há quem salve, portanto, e não é à toa que a nordestina é descrente. A história é também de desamparo, sim. Mas nos perguntamos que história que não é. À moça, bom, isso não a impede de se excitar. Diminuiu até as ave-marias e chamou pelo pai.

Macabéa, esqueci de dizer tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha? Mistério. Havia, no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pai-nossos e duas ave-marias para se acalmar. (LISPECTOR, 1998, p. 61)

Quando ela admirava o homem no botequim, curioso perceber que ele a leva para seu primeiro momento de solidão, quando então ela se sente livre e dança sozinha, contrariando a tia morta. Antes havia sido declarado que ela se alimentava dela mesma, mas como fazê-lo sem solidão? A solidão livrou-a da tia e do medo de incomodar os outros. Deixou, por um instante, de ser inócua e ouviu o rádio alto. Ouviu os sons que vinham dela. Realizou-se. Lambeu-se.

Macabéa dividia o quarto com quatro Marias. Ouvia o rádio emprestado de uma delas. Encontrava-se consigo vazia, mas esse encontro é posto como algo que nunca tinha acontecido antes do momento em que viu o homem bonito no botequim.

Ainda que ela tenha sido descrita como alguém que já se alimenta de si mesma, este era um novo encontro porque não havia ninguém vendo o que ela poderia

fazer. “Quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. [...] Tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 41).

É só depois que a nordestina se lambe que ela passa a ser desejada por outra pessoa e a ter um nome: Macabéa só precisou ver Olímpico para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo.

Ela não sabia que ao torná-lo goiabada com queijo seria depois privada dele como fora do doce pela tia. Tendo um namorado, ela teve medo de incomodá-lo como tinha medo de incomodar as Marias com o rádio. Teve medo de que o silêncio significasse ruptura. Teve medo até de perguntar-lhe o nome, que só soube depois da terceira vez, quando ele reclamou que ela só sabia chover. Com ele, ela chovia mesmo. Afinal, vinha do Sertão o seu namorado, terra braba, como lemos na narrativa. Terra rachada pela seca. Se a história é árida, Macabéa chove.

Macabéa conheceu Olímpico e o desespero de amor ao mesmo tempo, enquanto chovia. “Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” (LISPECTOR, 1998, p. 44).

Macabéa entende o desejo que sente com os conceitos que adquiriu. Fome e arrepio ela conhece e já tinha sentido, mas a ausência de Olímpico é novidade para ela. Ela sente aquela fome nova de outra coisa porque é assim que ela consegue nominar e entender. Macabéa se volta sempre para dentro, mas isso não parece querer dizer que ela se entenda. E por acaso haveria quem se entendesse tanto assim no vazio de uma fita inquietante de formigas?

Lembrando que a moça não sente apetite - seu apetite fora castigado antes por um gato frito que ela enxergou como um anjo frito -, mas sente a grande fome. O desejo para Macabéa, posto como a grande fome, tem intensidade. Ela fica nervosa quando deseja e Glória lhe dá água com açúcar.

Há momentos em que talvez possamos colocar o desejo da nordestina quando na direção de seu namorado como uma doença de alma.

Advindas do destemperamento e da discórdia entre os humores, duas são as mais graves doenças da alma: a aflição crônica (aegritudo) e o desejo (cupiditas).

São elas as afecções (affectiones) passionais que atacam o appetitus, a tendência natural à autoconservação. (CHAUÍ, 1990, p. 35)

O desejo de Macabéa impede que ela perceba as pancadas verbais que ele lhe dá. Ela não se autoconserva na presença dele. Com Macabéa, Olímpico é bruto como o personagem-escritor às vezes também é. Reclama dela, diz que não vai telefonar para ouvir as bobagens dela e fica aborrecido quando ela lhe faz pergunta que ele não sabe responder.

Enquanto o homem bonito que fez doer as costelas de Macabéa foi feito apenas para ser visto, Olímpico é posto em primeira aparição como igual à protagonista. Os dois são nordestinos, os dois são bichos que se reconhecem.

No meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo. (LISPECTOR, 1998, p. 43)

Olímpico tinha aprendido com o padrasto como tirar proveito das pessoas e pegar mulher. Ele dava a sua presença a ela, que o amava. Macabéa tinha medo de incomodá-lo e não se incomodava com suas brutalidades constantes.

A interação entre os dois traz o ar da graça para a história de Macabéa. Por exemplo, quando Olímpico conta que queria ser deputado, a nordestina pensa no que seria ela se os dois se casassem. Ela acha que deputada é uma palavra feia, indecente, e seu pudor lhe salva de ser deputada.

Macabéa fica triste com as grosserias do futuro deputado, mas deve ter esquecido a dor como esquecia os tapas da tia, pois continuou namorando Olímpico mesmo com a estupidez dele. Rodrigo considera o namoro dos dois ralo, como considera assim rala a vida de Macabéa. E assim mais nos parece um narrador enciumado! Afinal, ele mesmo descreveu o quanto, por Macabéa, Olímpico era amado. O quanto ela já estava desesperada. O quanto imediatamente dela ele havia se tornado a sua goiabada com queijo. Outro sinal do que Freud nos ensinou sobre o desejo. Traço de objeto perdido sem o qual a falta não o inscreve na memória. Insatisfeito o desejo da criança que ela era, fez-se busca na moça apaixonada que se tornou. Era tão importante o namoro para Macabéa que ela tinha medo que o silêncio significasse

ruptura. E ela achava bom viver. Bom não. *Tão bom*. A intensidade está colocada por suas palavras, de modo que rala a vida não parece ser.

Olímpico diz que ela precisa melhorar de cara porque parece quem comeu e não gostou. Ela fica admirada com o pedido. E lhe responde:

- Não sei como se faz outra cara. Mas é só na cara que sou triste porque por dentro eu sou até alegre. É tão bom viver, não é?

- Claro! Mas viver bem é coisa de privilegiado. Eu sou um e você me vê magro e pequeno mas sou forte, eu com um braço posso levantar você do chão. Quer ver?

- Não, não, os outros vão olhar e vão maldar!

- Magricela esquisita ninguém olha

(LISPECTOR, 1998, p. 52)

Olímpico diz que ninguém olha magricela esquisita se referindo à namorada que ele mesmo olhou. Estaria ele se considerando um zé-povinho? Um João-Ninguém? Bom, para Olímpico, Rodrigo destinou um futuro mais possível, e até glorioso. Temos a informação de que depois ele acabou se tornando mesmo deputado.

Já Macabéa fica feliz por poder ter o prazer de ser carregada pelo namorado sem ninguém maldar. Ela não sabe que vai cair no chão na sequência e que isso fere os brios do futuro deputado. Olímpico levanta Macabéa acima da própria cabeça e ela acha que deve ser assim viajar de avião. Quando cai no chão porque ele, apesar da promessa, não aguenta o peso da magricela, ela se machuca. Sangrando pede que ele não se incomode. Ela se mantém delicada.

O fantasma da tia retorna à memória da moça, levantar a saia é proibido. Na cena de queda temos outra pista da liberdade de Macabéa. Ela tem alguma consciência da sexualidade que uma saia levantada conota. Inclusive uma saia dela. Fosse completamente inócua e sem notícias de sua sedução feminina, levantaria a saia sem aviso. Claro que não era assim. Ela então pediu a Olímpico (homem que queria ser toureiro, que um dia estremecera no cinema da cabeça aos pés ao ver a capa vermelha ante ao touro, homem que gostava era de sangue): “– Você não olhe enquanto eu estiver me limpando, por favor, porque é proibido levantar a saia...” (LISPECTOR, 1998, p. 53).

Quando foram ao açougue, percebemos suas diferenças. Ela sente o cheiro da carne como perfume capaz de levitá-la. Como se na boca, a carne entrasse. Ele se

excita sonhando enfiar a faca. Mas o futuro fim do namoro já se anuncia. Colocada uma outra via de acesso de Olímpico ao seu desejo, a de sonhar em ser açougueiro, o narrador lança a informação de que o pai de Glória trabalha em um açougue. Glória, então, está capacitada para causar desejo em Olímpico. Mais do que Macabéa.

Os assuntos entre Olímpico e Macabéa costumavam ser ditados por ele, que não quer saber do que ela tem a dizer. Embora ela diga. Ele define que coisas são importantes, e é ele quem dá a ela a sensação de ser alguém na vida.

Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava. Mas Olímpico não só pensava como usava palavreado fino. Nunca esqueceria que no primeiro encontro ele a chamara de "senhorinha", ele fizera dela um alguém. Como era um alguém, até comprou um batom cor-de-rosa. O seu diálogo era sempre oco. Dava-se conta longinquamente de que nunca dissera uma palavra verdadeira. E "amor" ela não chamava de amor, chamava de não sei o que. (LISPECTOR, 1998, p. 54)

Tanto Macabéa existia que não sabia o jeito de pensar. "Existo onde não penso", foi a importante revelação de Sigmund Freud. Talvez a relação da personagem com o pensar seja mais um sinal de desejo. Ela não sabia como se pensava e não sabia que sabia do desejo. Macabéa entendia que importantes eram as respostas, e em sua ausência de respostas se apegava a Olímpico, cheio delas.

Nossa heroína não se preocupava em checar se as respostas dadas por Olímpico faziam algum sentido. Mas desconfiava de suas ambições. E, como era um tanto mais livre dentre certas amarras, chegou a lhe perguntar se essa história de um dia ficar rico não seria somente uma visão.

- Não será somente visão?
 - Vá para o inferno, você só sabe desconfiar. Eu só não digo palavrões grossos porque você é moça-donzela.
 - Cuidado com suas preocupações, dizem que dá ferida no estômago.
 - Preocupações coisa nenhuma, pois eu sei no certo que vou vencer. Bem, e você tem preocupações?
 - Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida.
- (LISPECTOR, 1998, p. 49)

Uma vez foram ao jardim Zoológico e, Macabéa, com muito medo por ter visto a massa compacta, grossa, preta e roliça de um rinoceronte, mijou-se. Mentiu dizendo a ele que se molhou porque sentou num banco molhado. Mas tendo percebido que ele não a percebera, ficou aliviada e rezou mecanicamente em agradecimento. A

narrativa adverte mais uma vez: não à Deus, o agradecimento. Era mesmo uma repetição do que aprendera na infância.

Olímpico não gostava de não saber responder as perguntas que lhe eram feitas e não gostava da curiosidade dela.

- Na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo.

Olímpico olhou-a desconfiado:

- Isso é lá coisa para moça virgem falar? E para que serve saber demais? O Mangue está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais.

- Mangue é um bairro?

- É lugar ruim, só pra homem ir. Você não vai entender mas eu vou lhe dizer uma coisa: ainda se encontra mulher barata. Você me custou muito pouco, um cafezinho. Não vou gastar mais nada com você, está bem?

Ela pensou: eu não mereço que ele me pague nada porque me mijei.

(LISPECTOR, 1998, p. 55)

Para o dicionário, o mimetismo é a “semelhança que tomam certos seres vivos, seja com o meio no qual habitam, seja com outras espécies mais protegidas com as quais ou à custa das quais eles vivem: o mimetismo é frequente nas borboletas (DICIO, 2017b). Foi num zoológico que Macabéa se interessou por mimetismo. Nossa leitura entende com isso que o personagem-escritor não parecia oferecer pontos sem nó. É num zoológico que Macabéa quer saber o que significa mimetismo.

Apesar da semelhança entre os que se reconheceram como bichos, não de outras espécies, mas da mesma, o namoro degingolou. Quando Olímpico conheceu Glória e soube que o pai dela era açougueiro, acabou comparando as duas e optando pela colega carioca da nordestina. Macabéa e Olímpico também pareciam ter mais uma coisa em comum: viam beleza na gordura. Olímpico via beleza social, um degrau a mais namorar alguém que tinha hora certa de comer. Macabéa acreditava que da gordura vinha a formosura.

Glória era gorda e oxigenada. Não era bonita, mas Macabéa também não o era. Olímpico via Glória como material de boa qualidade. "Pelos quadris adivinhava-se que seria boa parideira. Enquanto Macabéa lhe pareceu ter em si mesma o seu próprio fim" (LISPECTOR, 1998, p. 60).

Olímpico pensa no fim de Macabéia nela mesma, mas o narrador já havia nos precavido. Ela se alimenta dela mesma e tem ovários murchos. Ela não vai deixar de ser virgem e não vai ter os filhos de Olímpico, com quem pensava em casar. Em casar, aliás, talvez tenha deixado de pensar ao se assustar com a indecência da palavra “deputada”. Se casasse com Olímpico, não teria para onde correr. Seria deputada. O movimento de Macabéia em relação a Olímpico, ao mesmo tempo que se colocava em interesse de estar com ele, colocava-se fora da presença dele. Deputado era palavra feia e ela achava melhor não casar com um deputado. Mais uma vez, remete-nos ao dentro e fora da banda que mostra o vazio no qual o desejo habita.

Ao desmancharem o namoro, Macabéia, inesperadamente, riu. Riu porque, segundo seu narrador, ela não havia se lembrado de chorar. Olímpico, surpreso, acabou dando algumas gargalhadas. Expondo seu canino de ouro. Quando foi informar a ela do adeus final, decidiu por falar alguma gentileza que suavizasse o momento, e assim foi que o fez:

- Você, Macabéia, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?

- Não, não, não! Ah por favor quero ir embora! Por favor me diga logo adeus! (LISPECTOR, 1998, p. 60)

Três vezes o não e o narrador então decide não falar nem em felicidade e nem em infelicidade, pois para ele isso provocaria “aquela saudade desmaiada e lilás, aquele perfume de violeta, as águas geladas da maré mansa em espuma pela areia. Eu não quero provocar porque dói” (LISPECTOR, 1998, p. 60). Mas sua atitude na frase seguinte é a de dizer que “Macabéia tinha uma infelicidade: era sensual”. Estaria ele, porque mais sincero, defendendo sua personagem da ofensa de Olímpico?

Ao se ver excitada pela figura de Olímpico, Macabéia substitui as três ave-marias por três pai-nossos, mas não abandona a virgem. Contudo, quando o desejo lhe parece fome, é justo então que a nordestina use a oração que pede o pão nosso de cada dia. Ela se tranquiliza do próprio desejo pedindo, mecanicamente, pão e perdão pelas ofensas que comete, ao passo que perdoa quem a tenha ofendido. Neste trecho a oração não aparece como uma punição, mas como um remédio. Ainda que vão.

Imaginamos que Macabéa possivelmente não pensou no significado das orações que proferia, ela gostava de não pensar muito. Rodrigo S.M., personagem que é escritor e que narra, deve tê-las escolhido a dedo, inclusive no número de repetições. Ele desde o começo se diz que literatura é carpintaria e coloca a dificuldade de conseguir simplicidade.

O que diferencia Macabéa dessas muitas outras nordestinas transeuntes é ter cruzado numa rua com o autor. "Será que meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar? Se sei quase tudo de Macabéa é que já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada." (LISPECTOR, 1998, p. 57).

Ela queria ser Marilyn Monroe. Ela passa o batom e sai do banheiro, do que Glória ri dizendo que a outra parece mulher de soldado. Macabéa se defende usando a própria virgindade, da qual continua tendo orgulho por todo o livro, e estremecendo ao ver soldados.

Ela é capaz de bradar que é virgem e que alguém pode maldar se ela for carregada pelo namorado, mas não é capaz de se esconder de si mesma. Então finge para si uma reza a cada excitação. Ela não se sabia explicar, mas "arrumara um jeito de achar nas coisas simples e honestas a graça de um pecado" (LISPECTOR, 1998, p. 63).

Macabéa ainda rezava, e achava que o Deus dos outros, no qual ela não acreditava, era bom com ela. Via graça em abraçar árvore, via graça no meio do escritório, e ia para o banheiro. Ia para ficar de pé, sozinha, durante o estado de graça.

Rodrigo S.M. confessa que a graça na solidão veio dele mesmo, e não de Macabéa. "Vejo que tentei dar a Maca uma situação minha: eu preciso de algumas horas de solidão por dia senão *'me muero'*" (LISPECTOR, 1998, p. 69). O personagem-escritor se diz apaixonado por sua criação e gostaria que ela dissesse frases de reclamação. Ele queria que a nordestina dissesse que todos mentem até na hora do amor, mas ela não diz. Ele tem o poder de fazê-la dizer, mas não o faz. Ao menos deixa claro que ali está o desejo dele, não o dela.

Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado por sua feiura e anonimato total, pois ela não é para ninguém. Apaixonado

por seus pulmões frágeis, a magricela. Quisera eu tanto que ela abrisse a boca e dissesse:

- Eu sou sozinha no mundo e não acredito em ninguém, todos mentem, às vezes até na hora do amor, eu não acho que um ser fale com o outro, a verdade só me vem quando eu estou sozinha.

Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser parca de palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota, mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia. (LISPECTOR, 1998, p. 68)

Dado que Freud nos comunica que os poetas estão adiante de nós, recorreremos mais uma vez a eles neste momento em que presenciamos a história de amor entre criador e criatura.

Ninguém a outro ama, senão que ama
O que de si há nele, ou é suposto.
Nada te pese que não te amem. Sentem-te
Quem és, e és estrangeiro.
Cura de ser quem és, amam-te ou nunca.
Firme contigo, sofrerás avaro
De penas.
(PESSOA, 2006)

Para amar Macabéa, sua criatura, o autor coloca nela características suas ou aquelas que ele gostaria de ter e não teve. Ele tenta se curar de ser ele mesmo ao contar a história da nordestina, e faz um relato que se encerra nele mesmo, como Macabéa tem um fim em si. O livro existe para que os dois existam e os dois existem para morrer. Rodrigo S.M. sofre angústias o tempo inteiro e coloca em Macabéa a simplicidade que ele mesmo tem dificuldade de alcançar. Ela é o que lhe falta.

O autor repete que "A culpa é minha" é um dos títulos do livro, e retoma a culpa por toda a narrativa. Ele revela que só se salva do acaso porque escreve, mas sente a angústia que é escrever. "Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada mais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte" (LISPECTOR, 1998, p. 70).

Ele confessa ainda que a atração pelo pecado é dele, e que foi ele quem a transferiu para Macabéa em suas alegrias simples que são como pecado mesmo sem sê-lo. A nordestina não deixa de ter ovários murchos, mas enquanto foge da narrativa, o autor confessa que o sexo dela exige muito. Antes ele só dizia de seu sopro de vida,

depois assume o calor do fogo na personagem que criou para ser café frio. Fogo, entretanto, que nela, repetimos, encerra-se nela mesma.

Penso no sexo de Macabéia, miúdo mas inesperadamente coberto de grossos e abundantes pelos negros - seu sexo era a única marca veemente de sua existência.

Ela nada pedia mas seu sexo exigia, como um nascido girassol num túmulo. Quanto a mim, estou cansado. (LISPECTOR, 1998, p. 70)

Ele também narra o ponto alto da existência da nordestina, um encontro com a cartomante Madama Carlota, que lhe tira as cartas e acerta tudo. Quando nova, a cartomante vendia o corpo e sustentava o homem que amava, depois ficou gorda e perdeu os dentes. E não era mentira. Perdeu mesmo. Ela conta a vida para Macabéia e de modo que nos é possível ler a vida da cartomante como sendo justamente aquela vida que a tia da nossa heroína havia lhe proibido de viver.

Quando a cartomante tira as cartas é que ela então, moça que achava tão bom viver, assustou-se: "nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim" (LISPECTOR, 1998, p. 76).

E eis que (explosão) de repente aconteceu: o rosto da madama se acendeu todo iluminado:

- Macabéia! Tenho grandes notícias a lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!

[...]

Mas agora ouvia a madama como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus - enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). (LISPECTOR, 1998, p. 76)

Ao contrário do narrador que nega os fogos de artifício desejados, a cartomante dá a Macabéia ainda mais artifícios. Dá dicas de beleza para ela. Avisa que a moça vai encontrar o amor num moço estrangeiro de nome Hans. O moço, que não chega a existir na história a não ser na cabeça de Macabéia (e na de sua Cartomante), seria rico e a encheria de joias. Quem sabe não seriam aquelas da Zona Sul que ela ficava vendo para se martirizar um pouco?

A esta esperança nova de amor, ela responde tremendo toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade. Em Macabéa os sentimentos podem não ser simples. O prazer precisa de reza, enquanto a felicidade tem um lado penoso.

Feliz pelo destino, Macabéa se apaixona por Hans, esquece Olímpico e acredita na própria sorte. Crente no próprio futuro, ela atravessa a rua acreditando já ser uma outra pessoa. "Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro" (LISPECTOR, 1998, p. 79).

Mas a história não pôde suportar uma promessa de desejo satisfeito. O que não a torna menos bela. Freud, em seu texto *Sobre a transitoriedade*, conta-nos uma história que agora conversa com a história que lemos em *A Hora da Estrela*:

Não faz muito tempo empreendi, num dia de verão, uma caminhada através de campos sorridentes na companhia de um amigo taciturno e de um poeta jovem mas já famoso. O poeta admirava a beleza do cenário à nossa volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o o pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando sobreviesse o inverno [...]

A propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência, pode, como sabemos, dar margem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao penoso desalento sentido pelo jovem poeta, ao passo que o outro conduz à rebelião contra o fato consumado. Não! É impossível que toda essa beleza da Natureza e da Arte, do mundo de nossas sensações e do mundo externo, realmente venha a se desfazer em nada. [...]. De uma maneira ou de outra essa beleza deve ser capaz de persistir e de escapar a todos os poderes de destruição.

[...] A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto. Um flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. (FREUD, 1996e, p. 317-318)

É na última tarde de Macabéa que ela conhece sentimentos antes desconhecidos: uma esperança violenta, por exemplo. Ela teve vontade de chorar, mas não chorou. Desceu distraída para atravessar a rua e foi pega pelo próprio futuro. Atropelada por um Mercedes amarelo, aquele carro cujo símbolo de sua marca lembra uma estrela. Feito seu rosto, amarelo também, o carro lhe deu um susto.

Se antes nunca fora notada, no momento em que estava no chão ainda viva, viu uma multidão se juntar à sua volta. Qual o movimento final de nossa heroína? Ela morre lutando pela própria vida, na qual tinha esperanças, e perguntando sobre o futuro. Ela morre sendo finalmente notada por uma cidade que continua sendo toda

contra ela. Ela morre virgem, mulher, gostando de Coca-Cola. E tendo conhecido, talvez como nenhuma outra personagem de Clarice Lispector, um desmaio de amor.

6. CONCLUSÃO

Na medida em que reconhecemos Macabéa desde seu início, e não apenas na sua morte, é possível ler que sua *Hora da Estrela* se deu por toda a trama. “No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada”, o personagem-escritor conclui. Uma vez lemos com Lacan: “Mas basta escutar a poesia [...] para que nela se faça ouvir uma polifonia e para que todo discurso revele alinhar-se nas diversas pautas de uma partitura” (LACAN, 1998, p. 506-507). E algo de grande beleza também lemos com Freud: em *A interpretação dos sonhos*, o caminho no qual ele nos conduz em direção ao que viria a ser, para ele, a realização de um desejo, é um caminho atravessado por criações oníricas. Conta-nos sonhos dele, sonhos de pessoas que lhe eram queridas, sonhos dos que lhe confiavam suas dores no divã. A delicadeza atenta com que exercia suas investigações rendeu ao pai da psicanálise frutos de imenso valor ao mistério de nossas atividades mentais. Tal como um violinista que se preocupa com a afinação das quatro cordas de seu instrumento, sem perder de vista toda a complexidade de sua função, sem se esquecer de que a fricção do arco depende de um movimento mais flutuante do que bruto, assim parece que Freud executava o seu ofício. Ainda que violenta seja uma música de Bach, não há outro modo de tocá-la se a leveza do instrumento sobre o ombro do instrumentista não for delicadamente sustentada pelo corpo que a interpreta e a transmite. Com Freud, não vemos outro meio para se chegar às sutilezas enigmáticas de um sonho senão este: o de uma escuta flutuante aos timbres que, ora estridentes ora aveludados, revelam o som de um movimento, revelam a harmonia e o caos de uma existência. O primeiro psicanalista deu atenção ao que poderia passar despercebido se a humildade de um descobridor não se fizesse condição para a descoberta. Ele debruçou sua escuta (tal como um violinista inclinado às cordas que sustenta) ao que acontece quando estamos dormindo. E o que assim descobriu não foi nada simples, não foi nada menos do que a realização de um desejo.

Quando, após passarmos por um estreito desfiladeiro, de repente emergimos num trecho de terreno elevado, onde o caminho se divide e as mais belas vistas se desdobram por todos os lados, podemos parar por um momento e considerar em que direção deveremos começar a orientar nossos passos. É esse o nosso caso, agora que ultrapassamos a primeira interpretação de um sonho. Encontramo-nos em plena luz de uma súbita descoberta. Não se devem assemelhar os sonhos aos sons desregulados

que saem de um instrumento musical atingido pelo golpe de alguma força externa, e não tocado pela mão de um instrumentista (ver em [1] [2]); eles não são destituídos de sentido, não são absurdos; não implicam que uma parcela de nossa reserva de representações esteja adormecida enquanto outra começa a despertar. Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade - realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa. (FREUD, 1996d, p. 157)

A personagem da qual já estamos nos despedindo, sonhava. Pensava na hora de dormir: “O céu é para baixo ou para cima?”. E, deitada, ela não sabia a resposta. Se Shakespeare comunica com sua arte que há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia, se Freud comunica com sua criação que os escritores costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar, Clarice Lispector comunica que há Macabéa e que ela não sabe se está acima ou abaixo do céu. A pergunta que fazia era inteligente para uma estrela. Acaso alguma na imensidão da Via Láctea seria capaz de saber a resposta?

Bom, sem saber, adormecia e sonhava. “Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça”, diz seu narrador. Interessante porque era quase esse o seu sonho, mas não era esse o seu sonho. O que a moça de “ovários murchos” paria ao dormir era sexo. Macabéa sonhava com sexo. Por muitos instantes a obra nos dá a chance de ler a nordestina como uma personagem assexuada, que sequer se implica em sua própria existência. Atrever uma leitura que considera que a nordestina é uma moça que têm seus desejos, traz-nos momentos de receio, incredulidade, ócio e cansaço. Porque *A Hora da Estrela* é também isto:

Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão. (p. 33)

[...]

E enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (p. 25)

[...]

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. (p. 27)

[...]

Que não se esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia cantábile. (p. 16)

Mas, se inventamos um outro movimento com as cordas de nossa leitura, talvez possamos escutar, apesar de tudo, acordes esplendorosos na folha sem esplendor. Escutar que da letra ao lixo, o vazio que resta se faz também uma graça. Escutar que a mesma personagem que se dizia impossível, sonhava. A busca por outro movimento com a corda não se faz apenas por nós, mas pelo próprio personagem-escritor. “Estou procurando danadamente achar nessa existência pelo menos um topázio de esplendor. Até o fim talvez o deslumbre, ainda não sei, mas tenho esperança” (LISPECTOR, 1998, p. 39). É que é difícil de acreditar às vezes, porque as páginas vão nos levando para um destino cujo desfecho não é comemorável, ainda não descobrimos uma leitura que festeje com as páginas finais. Mas nos foi possível descobrir uma leitura que, de letra em letra, reconhece na vida anunciada como rala, experiências profundas:

E lá foram para a esquina. Macabéa estava muito feliz (p. 53)

[...]

Uma vez por outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida (p. 30)

[...]

Havia de madrugada uma passarinhada buliçosa na rua do Acre: é que a vida brotava no chão, alegre por entre pedras. (p. 31)

[...]

Mas também creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com um certo luxo de alma. (p. 51)

[...]

Um dia teve um êxtase. (p. 63)

[...]

Era do nunca que vinha o galo. Vinha do infinito até a sua cama, dando-lhe gratidão. É que tinha em si mesma uma flor fresca. Pois, por estranho que pareça, ela acreditava. (p. 31)

[...]

Feliz, feliz, feliz. Ela de alma quase voando. (p. 63)

[...]

Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruí de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível. [...] Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. (p. 41)

[...]

Às vezes a graça a pegava em pleno escritório. (p. 63)

[...]

O mergulho na vastidão do mundo musical não carecia de se entender. Seu coração disparara. (p. 51)

[...]

Macabéa lembrou-se do cais do porto. O cais chegava ao coração de sua vida. (p. 82)

O personagem-escritor diz carregar a nordestina nos ombros. Ele a considera desafinada, mas se assim pôde considera-la, precisou escutar sua voz. Talvez como a psicanálise o faz ante ao violino das canções que a clínica lhe entrega. Se em algum momento nos é possível ler com desesperança que Macabéa até cantava, mas, que pena, era desafinada, preferimos hoje ler que Macabéa era desafinada, mas, escute... Ela cantava!

De começo, o narrador considera que deve avisar algo de muita importância para a apreensão da narrativa. Que ela, do início ao fim, recebe a companhia de uma “levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta”. Mas afiança que a história será igualmente acompanhada pelo violino de um homem magro bem na esquina. Ao fim, enquanto morria Macabéa com o seu corpo cariado, lá estava um homem magro com o seu violino, bem na esquina. Na latinha de zinco onde as moedas se lançavam, o barulho seco das ofertas vinha dos que escutavam a música com gratidão. Se a leitura a que chegamos com este trabalho pudesse se materializar numa imagem, seria o agradecimento em moedas secas na lata de zinco que Clarice Lispector nos apresenta com a última obra de sua vida. Mas agradecimento que considera que nem todas as moedas do mundo poderiam pagar o preço da arte. Na secura de existir nos foi possível ler com *A Hora da Estrela*, que se uma nordestina só sabe chover, uma esperança também está posta na trama que revela tão árida miserabilidade humana.

E que revela, igualmente, o desejo de sol que até no capim vagabundo é capaz de nascer e a presença de um homem com o seu violino e o tempo que por enquanto é de morangos e a vida que teima: até mesmo de vez em quando, ao receber seu salário, a moça comprava uma rosa.

“Circunde-se de rosas e ame... O mais é nada.”, disse em um de seus versos o poeta Fernando Pessoa. Caro leitor, veja: não parece que em algum dia alguém disse isso para Macabéa?

7. REFERÊNCIAS

BILAC, O. **Via Láctea**. Antologia das Antologias: 101 Poetas Brasileiros Revisitados. São Paulo: Musa Editora, 1995.

BUARQUE, C. **Quando o carnaval chegar**. São Paulo: Phonogram/Philips, 1972, 1 disco sonoro.

CHAUÍ, M. Laços do Desejo. In: NOVAES, A. (Org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CRESPO, N. S. **Modernidade e Declínio do Pai**: uma abordagem psicanalítica. Vitória: EDUFES, 2003.

CRESPO, N. S. Adições e Responsabilidade na Civilização Contemporânea: anotações com Freud e Lacan. **Responsabilidades**: revista interdisciplinar do Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário - PAI-PJ, v. 3, p. 219-227, 2014.

DICIO. **Efemérides**, 2017a. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/efemerides/>> Acesso em: março de 2017.

DICIO. **Mimetismo**, 2017b. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mimetismo/>> Acesso em: março de 2017.

FREUD, S. Gradiva de Jensen e outros trabalhos, v.IX. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. Dostoiévski e o parricídio, v. XXI. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. O Moisés de Michelangelo, v. XIII. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____. A interpretação dos sonhos – partes 1 e 2. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

_____. Sobre a transitoriedade, v. XIV. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

IGLESIAS, E. L. Aspectos topológicos do grafo do desejo. **Cógito**, v.1, Salvador, 1996.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **O Seminário livro 5, As formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. Lituraterra. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **O Seminário livro 10, A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **O Seminário livro 6, O desejo e sua interpretação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARIGUELA, M. **Banda de Möbius**, 2016. Disponível em: <<https://marciomariguela.com.br/banda-de-mobius/>> Acesso em: dezembro de 2016.

MILNER, J. **A obra clara**: Lacan, a ciência e a filosofia. Editora Zahar, 1996.

MIRANDA, A. A. W. R. **Contornos do indizível**: o estilo de Clarice Lispector. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

MIRANDA, A. A. W. R.; NEVES, N. L. **O livro sem palavras**: reflexões sobre Literatura e psicanálise, 26 de Junho de 2016 (Artigo inédito).

MORIN, E.; NICOLESCU, B.; DE FREITAS, L. **Carta da transdisciplinaridade**. Portugal, Convento da Arrábida, 1994.

PANORAMA Especial com Clarice Lispector. Produção de Júlio Lerner. São Paulo: TV Cultura, 1977. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/5101_panorama-com-clarice-lispector.html> Acesso em: março de 2017.

PESSOA, F. **Odes de Ricardo Reis**. Ed: L&PM, 2006.